



**Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais
Curso de Licenciatura Plena em História**

Nadja Claudinale da Costa Claudino

**ENTRE O PUNHAL E O AFETO: IMAGENS DE MARIA BONITA
NA HISTORIOGRAFIA E NO CORDEL (1930/1938)**

CAJAZEIRAS-PB

2013

Nadja Claudinale da Costa Claudino

**ENTRE O PUNHAL E O AFETO: IMAGENS DE MARIA BONITA
NA HISTORIOGRAFIA E NO CORDEL (1930/1938)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em História, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para a obtenção do
título de licenciada em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Lucinete Fortunato

Cajazeiras - PB

2013

Nadja Claudinale da Costa Claudino

**ENTRE O PUNHAL E O AFETO: IMAGENS DE MARIA BONITA
NA HISTORIOGRAFIA E NO CORDEL (1930/1938)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em História, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para a obtenção do
título de licenciada em História.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Lucinete Fortunato (UFCG)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Mariana Moreira Neto (UFCG)
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Rosemere Olimpio de Santana (UFCG)
Examinadora

Prof^a. Ms. Viviane Gomes de Ceballos (UFCG)
Suplente

Prof. Ms. Isamarc Gonçalves Lobo (UFCG)
Suplente

Dedico aos meus avós:

Irene Bezerra da Costa
José Bezerra da Costa
Acyra Claudino Ferreira (In
memoriam)
Genésio Vieira do Nascimento(In
memoriam)

Aos meus pais:

Maria Gicélia da Costa, por ser
uma Maria (bonita)
Joaquim Claudino Ferreira Neto,
por ter umas valentias dignas de
Lampião

Aos meus irmãos:

Glauber da Costa Claudino e
Vanessa da Costa Claudino, por
terem compartilhado a infância
comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao destino que me trouxe até aqui.

E minha mãe que ainda na minha adolescência me acordou para assistir um documentário que falava sobre o cangaço, nesse dia prestei atenção pela primeira vez nesse episódio tão importante da história brasileira. Agradeço também pelo estímulo, pois escrevi o primeiro capítulo sob o seu olhar e seus cuidados na nossa casa em João Pessoa. E por ter me ensinado a ler, o que foi o primeiro passo dessa caminhada.

Ao meu pai, por prezar a cultura e as artes. Foi fundamental na minha formação.

Sou grata a minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Lucinete Fortunato, que desde o princípio acreditou no meu projeto. E que não me deixou desistir, pois com suas palavras de incentivo me deu a confiança necessária pra seguir em frente. Os nossos encontros de orientação sempre foram muito agradáveis. Com dedicação foi me mostrando os caminhos a serem percorridos e me deu grandes lições de simplicidade e alegria.

Aos professores do Curso de História, pelos ensinamentos transmitidos.

A Marta Maria Andrade e Joana Sousa, secretárias do Curso de História e amigas que muito me ajudaram nas questões burocráticas.

Aos colegas de curso, pessoas que convivi diariamente nos últimos quatro anos, compartilhando alegrias, conhecimentos e a amizade. Esse trabalho tem um pouco de cada um de vocês: Airton Barbosa, Adriana Salviano, Cícera Nunes, Daiany Gomes, Daniela Vieira, Ilsa Estrela, Ionara Cavalcanti, José Alex, Jessé Moreira, Jozielison Martins, Kamilla Dantas, Harlanne Krislen, Helena Taveira, Marly Gomes, Maria José, Marquilene Barbosa, Patrícia Alves, Régia Paula, Robenilson Lisboa, Tatiana Pessoa e Zenilton Elias. De forma especial agradeço as amigas Mauricélia Sousa, Girlene Terto, Mary Gomes, Gerlândia Gouveia e Gerlândia Nascimento pelo companheirismo e por serem parte de mim.

Por fim, agradeço a Gildemar Pontes, por sua compreensão e carinho. Desde o princípio acreditou e incentivou essa pesquisa. Além de ter enriquecido meu texto com seu olhar poético.

**Na foice amolo o verso;
No verso floresce a noite
E o hálito da flor
No talo do mandacaru**

**O povo diz sua prece
E a lua coalha o céu,
Imensa espaçonave brejeira.
O meu sertão é feito
De lua, prece, espinho e fulô.**

(Carlos Gildemar Pontes)

Mas a dúvida é o preço da pureza, e é inútil ter certeza.

(Engenheiros do Hawaii)

**Virgulino Ferreira, o Lampião
Bandoleiro das selvas nordestinas
Sem temer a perigo nem ruínas
Foi o rei do cangaço no sertão
Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor
A mulata da terra do condor
Dominava uma fera perigosa.**

(Otacílio Batista)

RESUMO

O ingresso das mulheres nos bandos de cangaceiros modificou não só a vida no cangaço, mas também a escrita sobre este tema, a exemplo da escrita sobre Maria Bonita, sobretudo no que diz respeito à compreensão de que as mulheres “cangaceiras” subverteram a lógica de viver uma realidade apenas voltada para o lar. Neste trabalho, problematizaremos os discursos e as imagens formulados pelos especialistas do cangaço e pelos cordelistas que escreveram sobre o romance entre Lampião e Maria Bonita. Através desses textos verificaremos como os enunciados que elaboram essas imagens interferem no imaginário social acerca do cangaço. A pesquisa é bibliográfica, usaremos livros de memorialistas, de estudiosos ligados a academia e, também, a poesia popular, através da literatura de cordel.

PALAVRAS-CHAVE: Cangaço, Mulheres, Imaginário.

ABSTRACT

The admission of women in the *cangaço* not only changed the way the gangs lived, but also the writing about the theme, especially in regard to the comprehension that *cangaceiras* women subverted a social reality in which they were conditioned to housework. This work problematizes discourses and images formulated by experts and *cordelistas* who wrote about the romance between *Lampião and Maria Bonita*. The research considered statements which have been responsible for the production of these images, to realize how they interfere in the social imagery about *cangaço*. This work is a literature review based on books written by some memoirists, by academic scholars, besides *cordel literature*.

KEYWORDS: *Cangaço*, Women, Imagery.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 1: retirada do site: <http://www.nosrevista.com.br/2010/01/28/biografo-de-lampiao-afirma-que-o-rei-do-cangaco-nao-foi-assassinado-em-sergipe/> Acesso em 06/08/13 às 10:31.....38
- Imagem 2: retirada do site: <http://fotonahistoria.blogspot.com.br/2012/07/as-cabecas-de-lampiao-e-maria-bonita.html> Acesso em 31/07/2013 as16:59.....42
- Imagem 3: retirada do site: <http://editoraluzeiro.com.br/cordeis/99-maria-bonita-a-mulher-cangaco-luzeiro.html> Acesso em 18/08/2013 às 20:50.....55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CANGAÇO: ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS.....	15
1.1 LAMPIÃO: O HOMEM QUE ABRIU O CANGAÇO PARA AS MULHERES.....	17
1.2 AS MULHERES NO CANGAÇO.....	23
1.3 PRÁTICAS E VIVÊNCIAS DA MULHER CANGACEIRA.....	28
2. O IMAGINÁRIO HISTÓRICO SOBRE MARIA BONITA.....	32
2.1. A IMAGEM DA BELEZA: MARIA “A” BONITA.....	37
2.2. O IMAGINÁRIO DA PAIXÃO: O AMOR (IMAGINADO) DE MARIA BONITA E LAMPIÃO.....	43
3. O CORDEL COMO APOLOGIA AO CANGAÇO.....	49
3.1 MARIA BONITA: O MITO CONSTRUIDO NO CORDEL.....	53
3.2 O AMOR IMORTAL: LAMPIÃO E MARIA BONITA O ROMANCE DO CORDEL.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	70

INTRODUÇÃO

O cangaço é um fenômeno que gerou e gera muito interesse nas pessoas, muita curiosidade, é como se cada um, mesmo que nunca tenha estudado o tema tenha algo a dizer de ter ouvido falar. Nesse ouvir falar são perpetuadas e difundidas muitas imagens, principalmente das mulheres cangaceiras.

Além de se falar muito no cangaço, também se escreve muito sobre o mesmo. Inúmeros são os trabalhos que tratam das mulheres no cangaço, alguns apenas contando a entrada da mulher no bando de cangaceiros, sem que se faça uma análise mais profunda das implicações que isso causou na história do cangaço e na própria história das mulheres. Alguns trabalhos vêm, sob a égide da academia, se preocupando com as abordagens historiográficas. A produção sobre o tema é enorme e diversificada. São memorialistas, oficiais volantes como Optato Gueiros¹, João Bezerra², para citar alguns, e mesmo ex-cangaceiros e ex-cangaceiras que tiveram vontade de contar suas histórias, de lembrar os tempos em que viviam nos bandos. São muitos os estudiosos, alguns ligados à academia, outros que fazem um estudo independente, escrevendo artigos e livros que tratam do cangaço. Nesse contexto, as imagens elaboradas sobre as mulheres cangaceiras foram enunciadas de maneira paradoxal, com divergência nas caracterizações delas pelos estudiosos, cordelistas e imprensa, dentre outros.

A maioria das produções que tratam da história da mulher no cangaço trabalha o tema focando o encontro de Lampião e Maria Bonita, considerada como a primeira e principal representante da mulher cangaceira. As outras mulheres aparecem mais como nomes, números, tendo suas histórias de vida ligadas apenas à vida no cangaço e aos homens que viveram com elas.

Considera-se que Lampião era uma figura contraditória sob todos os aspectos, homem de vida errante, que se apaixona e leva para junto do seu grupo uma fêmea, criatura considerada fraca que talvez não se adaptasse às caminhadas estafantes no meio

¹ Chefe de volantes que perseguiu Lampião. Escreveu o livro "**Lampeão**: Memórias de um Oficial ex-comandante de Forças Volantes, 2ª edição, Recife, 1953.

² João Bezerra foi o chefe de volante destinado pelo governo Vargas para matar Lampião e seu bando. Conseguiu obter êxito na sua empreitada no dia 28 de julho de 1938, quando cercou a gruta de Angicos e matou Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros. O 3º BPM do Estado de Alagoas ostenta o nome do Tenente João Bezerra. Escreveu o livro **Como dei cabo de Lampião**, publicado pela editora Massangana, em 1983.

da caatinga, às lutas contra as volantes, à fome e à sede, muitas vezes companheiras desses grupos de homiziados, abrindo com esse ato um precedente para que outros cangaceiros também passassem a andar acompanhados por mulheres, como foi o caso de Corisco, que viveu e morreu ao lado de Dadá.

Por se tratar de um debate instigante, pois se trata de pesquisar relacionamentos amorosos que ocorreram em um meio tão pouco fértil para o amor, um ambiente de violência controlado por homens que viviam numa constante luta pela sobrevivência, é que nos sentimos estimulados a problematizar as elaborações que, tomando por base o Cangaço, tratam de um sertão que, ao mesmo tempo, é árido e abriga o amor; não o amor de mocinhos aventureiros por mocinhas inocentes como nas fitas do cinema americano, mas sim um amor de sertanejos bandidos por moças ou mulheres sofridas, criadas nas privações dos sertões, acostumadas com a seca e que viam na fuga com aqueles homens algo parecido com uma ascensão social. Falaremos sobre uma sociedade onde as mulheres tinham poucos direitos, pouco participavam da vida pública e sofriam diversos tipos de preconceitos.

Analisaremos os textos e imagens que se elaboram sobre o cangaço, pois, neles, muito se questiona qual terá sido o motivo que levou Lampião a ser o primeiro a inserir uma mulher nessa vida errante? Como isso mudou a visão da população sobre o cangaço? A partir dos discursos e imagens elaborados neste sentido, problematizaremos como esse evento foi percebido na historiografia sobre o cangaço e na literatura popular.

Portanto, o objetivo desse trabalho é o de verificar como se deu o ingresso das mulheres nos bandos de cangaceiros e como a história do cangaço passou a ser escrita, na historiografia e na literatura de cordel, depois desta inserção. Tomaremos a entrada de Maria Bonita no cangaço como ponto de partida, pois a mesma foi a primeira mulher a se juntar a um grupo de cangaceiros. Interrogaremos como os historiadores, memorialistas e cordelistas elaboraram imagens sobre a cangaceira Maria Bonita e, ao elaborar essas imagens, travaram uma luta para controlar e definir a “verdadeira” imagem dela.

No primeiro capítulo, problematizaremos as diversas explicações sobre o cangaço, quais os fatores determinantes para o surgimento dos bandos de cangaceiros e como foram vistos pela sociedade sertaneja da época. Alguns autores definem o cangaço como brado de insubordinação dado pelo povo sertanejo, outros autores

defendem que o cangaço não tinha o objetivo de questionar os poderosos e que homens como Lampião e Sinhô Pereira só lideravam seus grupos na tentativa de solucionar questões pessoais. O primeiro teria vivido no cangaço para fazer dele um meio de vida, um “emprego”, o segundo na tentativa de vingar a morte de um parente. Assim, para autores como Mello (2011), Fortunato (2012), Gruspan (2006), o cangaço não pode ser percebido apenas em um esquema de luta de classe. Sob essa perspectiva as relações de poder entre coronéis e cangaceiros também serão analisadas neste capítulo. Apresentaremos um pouco da história de Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro que fez do seu apelido Lampião uma lenda construída na imprensa e nos cordéis e que foi o primeiro a aceitar mulheres no bando. Discutiremos, de acordo com a imprensa e os escritos contemporâneos ao cangaço e posteriores ao mesmo, as contradições e diversidades existentes sobre a ideia de como se deu o processo de ingresso das mulheres e as relações entre homens e mulheres no bando, bem como isso mudou a vida dos cangaceiros. Serão consideradas, também, quais tarefas desempenhavam e os papéis que cumpriam como mulheres de cangaceiros. Desse modo, pensaremos o ser feminino no sertão nordestino no começo do século XX, os papéis sócio-culturais que desempenhavam as mulheres cangaceiras, e de como ao entrar no cangaço a mulher quebrava um destino traçado no âmbito do lar, para participar de uma luta que até então só aceitava os homens. O quanto suas ousadias fizeram com que em parte a história do cangaço fosse vista de outra forma, deixando de ser apenas um espaço da violência masculina e se tornando também em um novo lugar de resistência feminina.

No segundo capítulo, as fontes trabalhadas são textos de memorialistas, historiadores, estudiosos do cangaço e romancistas que tratam do encontro de Lampião e Maria Bonita e, principalmente, de Maria Bonita. Discutiremos como ela é pensada nesses textos. Sua sexualidade, seu corpo, seus sentimentos são muitas vezes imaginados por homens que colocam nas suas elaborações sobre Maria Bonita suas próprias vivências, expectativas e desejos. Ao pensar Maria Bonita eles a controlam, delimitam comportamentos, expõem preconceitos, forjam uma identidade para a primeira mulher que acompanhou um grupo de cangaceiros. Esse capítulo discute, pois, o imaginário histórico³ sobre Maria Bonita, as expectativas em torno da sua beleza: os

³ Segundo Teves (2002, p.64) “Enquanto sistema simbólico, o Imaginário Social reflete práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulação de crenças e ritualizações. Produções de

discursos que a elegem como bela ou os que a denigrem. O amor romântico, de Lampião e Maria Bonita também será pensado nesse momento.

No terceiro capítulo, trabalharemos quatro cordéis, que foram escritos posteriormente ao fenômeno do cangaço. Um cordel que trabalha a imagem da mulher cangaceira, outro que elabora imagens sobre Maria Bonita e dois que tratam do romance entre Lampião e Maria Bonita. Discutiremos até que ponto a literatura de cordel fez apologia ao cangaço, ao heroicizar o comportamento dos cangaceiros. Trabalharemos a imagem de Maria Bonita e Lampião através do romance dos dois que foi amplamente representado na vasta produção da literatura de cordel. A maneira que Maria Bonita é retratada como guerreira e sedutora também será problematizada. Desse modo, nesse capítulo veremos como o cordel se constituiu numa importante fonte para se estudar o cangaço e como suas imagens estão vivas e impactando a produção historiográfica sobre o tema e inferindo no imaginário popular.

Este imaginário do cordel, que associa masculinidade, nordestinidade e violência, ao contrário do que se possa pensar, nem ficou no passado, na história, como muitos folhetos fazem pensar, nem pairam sobre o real, imagens que nada tem a ver com a realidade. Esta história, recuperada por esse conjunto de imagens e enunciados, tem incidência sobre o presente, faz parte dele, produzindo subjetividades, servindo de modelos para práticas, produzindo o saber a respeito do ser homem e do ser mulher que participa das relações de gênero neste momento. (ALBUQUERQUE JR., 1999, 187)

Os papéis do homem e da mulher são assim delimitados dentro da narrativa do verso popular, cujo imaginário constrói estereótipos e solidifica lugares sociais entre o masculino e o feminino. Homens violentos e mulheres que quando abrem caminhos diversos dos culturalmente viáveis são taxadas de diferentes, valentes e perigosas.

sentidos que consolidam na sociedade, permitindo a regulação de comportamentos, de identificações, de distribuição de papéis sociais”. Neste sentido, compreendemos o imaginário como o conjunto de imagem que estão guardadas no inconsciente coletivo. Lá estão depositados as imagens sociais e mentais. As representações e memórias sociais são abarcadas pelo imaginário. São imagens mentais, culturais, que aparecem através da representação que delimita e explica um comportamento social. Imagens que se positavam socialmente e culturalmente por meio de sua instituição.

CAPÍTULO I: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CANGAÇO: ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS.

O fenômeno do Cangaço surgiu no Nordeste brasileiro em meados do século XVIII. As secas e as lutas em torno das propriedades são apontadas por diversos estudiosos do tema, como Rui Facó, Billy Jaynes Chandler, Frederico Pernambucano de Melo, dentre outros, como fatores motivadores para o surgimento do cangaceirismo. A seca como elemento impulsionador do cangaço para muitos estudiosos foi o fator primordial no surgimento dos primeiros bandos de cangaceiros. Na seca que ficou conhecida como a dos dois sete, que durou de 1877 até 1879, houve um desordenamento social impulsionado pela migração, afirmação compartilhada por muitos estudiosos. Sobre o tema Maria Lucinete Fortunato (2012, p. 30) diz: “Tal hipótese é justificada, nos discursos que a defendem pelo fato de os bandos de cangaceiros se proliferarem com maior vigor nos períodos de seca mais rigorosa”. Os discursos que anunciam esta compreensão partem do enunciado de que o sertão do Nordeste era uma região desprotegida. O poder central pouca influência exercia sobre os sertões, o mandonismo local era quem ditava as regras. As terras, nas mãos de poucos proprietários, precisavam ser protegidas. Com isso, surgiram grupos armados de capangas, que estavam sempre subordinados a algum fazendeiro. Os capangas matavam a mando dos grandes proprietários de terra, lutando contra os inimigos destes. Assim, serviam aos interesses de seus chefes, obedecendo suas ordens a todo o custo, numa constante dependência financeira. Desse modo, obtinham privilégios caso fossem leais em suas tarefas.

Embora muitos cangaceiros tenham assumido este papel, ocasionalmente, os estudiosos desta temática defendem que os mesmos subverteram essa lógica do capanga. Neste sentido, o cangaceiro era um homem livre, pois agia em interesse próprio. Para Mello (2011), por exemplo, o proprietário de terra não era chefe do bando de cangaceiros, que só roubava e matava quando era do interesse dos seus membros. Os cangaceiros podiam proteger ou fazer algum “serviço” a mando de algum fazendeiro, mas só agiam assim quando viam vantagens e nunca por obrigação ou por ameaça. Portanto,

A característica principal do cangaceiro, vale dizer, o traço que o faz único em meio aos demais tipos já aqui analisados é a ausência de patrão. Mesmo quando ligados a fazendeiros por força de alianças celebradas, o chefe de grupo não assumia compromissos que pudessem tolher-lhe a liberdade. (MELLO, 2011, p. 88)

Na literatura especializada sobre o cangaço, muitas vezes o cangaceiro também é representado como um insubordinado que encontrou, por meio da violência, sua arma para lutar contra o poder dos grandes proprietários e se contrapor a sua situação social. Para esses autores, a exemplo de Facó (1980), o cangaceiro, ao desafiar o poder público, deu mostras de que o sertanejo estava descontente com a situação em que vivia. Na visão deles, o cangaceirismo não era o banditismo puro e simples, mas sim uma forma de luta contra a sociedade que os excluía. Essa elaboração que coloca o cangaceiro em um esquema de luta de classes com o coronel nasceu da interpretação que a esquerda adotou para o cangaço. Albuquerque Jr. (2011, p. 221) critica essa compreensão por defender que “O discurso dos intelectuais marxistas tende a abordar fenômenos como o cangaço, o messianismo e o coronelismo a partir de seus determinantes sociais, reduzindo-os quase sempre a mera explicação econômica(..)”.

Fortunato (2012) considera que houve uma relação de barganha entre os cangaceiros e os coronéis. Por mais que os cangaceiros não fossem subordinados ao coronel, eles tinham uma relação de troca de favores. Dessa forma, os coronéis temiam não compactuar com os grupos, pois, se o fizesse, sentiam-se ameaçados. Por isso, muitas vezes, se viam obrigados a dar proteção aos cangaceiros, caso não quisessem ser vítima de violências. Os cangaceiros, por sua vez, não tentaram enfraquecer ou desafiar o poder dos coronéis, grandes proprietários de terras e chefes políticos dos lugarejos sertanejos.

Analisando essa concepção é possível perceber uma tentativa de imposição de um poder personalizado, análogo ao poder dos coronéis, mas que em nenhum momento pretende questioná-lo ou derrubá-lo, ao contrário, apóia-se nele para se estabelecer e para permanecer funcionando. (FORTUNATO, 2012, p. 29)

Outro fator impulsionador para o fomento dos grupos de cangaceiros eram as rixas entre famílias. Num sertão sem lei, a violência era o meio mais eficaz de se decidir as contendas. As questões de heranças e da divisão de terras eram os principais fatores das animosidades. Os governos não intervinham no sertão, as leis e seus representantes

não eram respeitados pelos potentados locais. Segundo Gruspan (2006, p.16) “No seio da comunidade do sertão, a ação governamental limitava-se ao recebimento de impostos e nunca interferia nas decisões dos clãs; não existia nenhum código, nenhuma lei escrita”. A morte era a única justiça conhecida e praticada com assiduidade, sendo o sertanejo completamente desprotegido pelas leis do país. Jesuíno Brilhante⁴, “o cangaceiro romântico”, Antônio Silvino⁵, Sinhô Pereira, são alguns que entram para o cangaço em busca de vingança e de justiça e foram considerados os principais expoentes do cangaço, juntamente com Lampião que, ainda em vida, foi denominado “Rei do Cangaço”.

1.1. Lampião: o homem que abriu as portas do cangaço para as mulheres.

Virgulino Ferreira da Silva nasceu no município de Vila Bela, atual Serra Talhada, Pernambuco, no ano de 1897. Não foi um menino muito pobre, para os escassos recursos do sertão nordestino, pois sua família possuía um pequeno pedaço de terra e seu pai trabalhava na agricultura e na criação de animais para sustentar a família.

Virgulino, ainda criança, conheceu as histórias de cangaceiros, especialmente as histórias sobre a vida de Antônio Silvino, pois, nessa época, o cangaço era agregado as brincadeiras infantis e aquele mundo de honra e valentia encontrava eco no pequeno sertanejo, que em um ensaio brincava de ser cangaceiro, sem saber que um dia seria o maior representante dos homens que viveram no cangaço. Sobre a infância de Lampião Daniel Lins (2012, p. 9) diz que “Virgulino, como outras crianças sertanejas da época, alimentava-se para organizar seu mundo secreto, da fantasia e dos gestos de bravura dos cangaceiros, guerreiros da caatinga”.

Na adolescência Virgulino trabalhou como almocreve. Por isso conheceu boa parte do sertão nordestino. Isso, tempos depois, o ajudou nas andanças como cangaceiro. Alguns autores, principalmente os de cordel, falam que a juventude de

⁴ Jesuíno Alves de Melo Calado entrou para o cangaço em 1871, depois que matou Honorato Limão, seu inimigo. Para se proteger da justiça, Jesuíno se tornou cangaceiro. Entrou na história do cangaço como “O cangaceiro romântico”, pois segundo os folhetos de cordel e os livros sobre a vida dele, Jesuíno Brilhante não cometia violências desmedidas. Só era implacável com seus adversários.

⁵ Manoel Batista de Moraes é o verdadeiro nome do cangaceiro que ficou conhecido como Antônio Silvino, tendo as alcunhas de “governador do sertão” e “rifle de ouro”. Para entrar no cangaço alegou empreender uma vingança contra os matadores de seu pai. Foi preso em 1914, ficando na cadeia até 1937. Morreu em 1944, na cidade de Campina Grande, na Paraíba.

Virgulino foi tranqüila, pois ele era um menino trabalhador, amigo da ordem. Há quem diga que Virgulino e os irmãos já eram conhecidos na região como desordeiros. Já a versão que encontrou mais eco no imaginário popular foi a de que Virgulino vivia distante da violência.

Alguns testemunhos, geralmente de interlocutores originários do sertão ou de poetas de cordel contemporâneos de Lampião ou posteriores a ele, apresentam Virgulino como uma criança despida de agressividade apesar de valente, levando uma vida tranqüila, até ser impelido, contra sua vontade pela força do destino. (GRUSPAN - JASMIM, 2006, p. 51)

Esse destino começaria a ser cumprido por uma briga entre duas famílias vizinhas, a qual fez com que sua vida e a de sua família fossem totalmente modificadas. O desentendimento entre as famílias Ferreira (Família de Virgulino) e Saturnino, que se conheciam há muitos anos, foi ocasionado por um roubo de cabras e chocalhos, essa é a versão mais recorrente nos livros que tratam da entrada de Lampião no cangaço.

A sociedade sertaneja possuía um arraigado senso de propriedade, principalmente no tocante aos animais que serviam para o sustento das famílias. Sobre isso Chandler (2003, p. 40) afirma que “Essas queixas eram endêmicas no sertão. As fazendas não eram cercadas, e quase sempre os fazendeiros demonstravam um exagerado senso de honra quando se tratava da proteção de seus rebanhos”. Essas rixas entre vizinhos eram comuns, muitas vezes descambando para uma violência desproporcional. E foi o que aconteceu entre as duas famílias em questão.

Com o acirramento dos desentendimentos José Ferreira, pai de Virgulino, se mudou para a fazenda Poço Negro. Um dia Virgulino foi a feira de Nazaré e lá encontrou-se com Zé Saturnino. Nesse dia Virgulino preparou uma emboscada para Zé Saturnino, houve uma troca de tiros entre os dois, mas ninguém ficou ferido. Depois dessa tocaia, Saturnino juntou quinze homens e invadiu a fazenda Poço Negro. Segundo Chandler (2003), nessa invasão Virgulino e seu tio Manoel estavam sozinhos, mas, mesmo assim, conseguiram, depois de um longo combate, expulsar os invasores. A partir desse episódio, a rixa entre os antigos vizinhos havia tomado um caminho sem volta. Virgulino e os irmãos passaram a andar preparados para o combate com seus inimigos: “Daí em diante, os rapazes da família só andavam armados e começaram a adquirir a reputação de cangaceiros” (CHANDLER, 2003, p. 42). De acordo com

Chandler, o modo como os irmãos Ferreira viviam, deixou os moradores da vila de Nazaré em constante suspeita contra eles. E depois de uma proibição de se andar armado na vila de Nazaré, que dias antes tinha sido atacada pelo bando de cangaceiros de Sinhô Pereira, os irmãos Ferreira (Virgulino e Livino), que segundo boatos, teriam acompanhado o ataque de Sinhô Pereira, entraram na vila portando armas e foram recepcionados a bala.

Depois desse episódio, a vida na fazenda Poço Negro, perto da vila de Nazaré, se tornou insuportável para a família Ferreira. José Ferreira, mais uma vez, tentando proteger a sua família se mudou para Alagoas. Lá a família também não encontrou paz, tendo sua casa invadida pela polícia da localidade, pois Virgulino e seus irmãos já estavam nesse momento com fama de bandidos. José Ferreira se mudou mais uma vez, levando consigo a mulher, sofrendo de uma enfermidade que a vitimou. Essas constantes mudanças acabaram empobrecendo a família de Virgulino.

Depois de se mudar tantas vezes à procura de paz para si e sua família, José Ferreira acabou sendo assassinado pela volante do tenente José Lucena. Segundo a historiografia do cangaço, com a morte do pai, Virgulino sentiu-se extremamente injustiçado e prometeu vingar-se de seus inimigos. “É efetivamente o assassinato do pai de Virgulino que precipitou a família Ferreira na tragédia, e é nessa necessidade de reparar uma terrível injustiça que se baseará a gesta de Lampião” (GRUSPAN-JASMIM, 2006, p. 72).

Lampião entrou no Cangaço juntamente com seus irmãos Antônio e Livino, no ano de 1918, sendo subordinado a Sinhô Pereira, cangaceiro da região do Pajeú das Flores, em Pernambuco. Assim como Lampião, que entrou no Cangaço inicialmente tendo como principal motivação encontrar meios de se vingar de seus inimigos, Sinhô Pereira formou um grupo de cangaceiros para se vingar da família Carvalho, depois da morte do patriarca da família Pereira por um membro daquela. “Os Pereiras, chefiados por Sinhô Pereira, constituíram um bando ao estilo clássico dos vingadores de desavenças familiares e passaram a percorrer o sertão pernambucano” (DORIA, 1981, p. 65). Essa característica justifica a identificação de Lampião com o bando de Sinhô Pereira pela procura de vingança e proteção. Sobre esta questão, Mello (2011) defende que, por mais que Lampião tenha entrado no cangaço alegando como principal motivo a vingança a ser empreendida contra os homens que mataram seu pai, isso não aconteceu,

pois a vingança contra o tenente Lucena e Zé Saturnino, seus maiores inimigos, nunca foi efetivada. Mello (2011) formulou a teoria do Escudo Ético. Para o autor, Lampião e outros cangaceiros se cercaram de questões éticas para justificar seus crimes e, “ao invocar as tais razões de vingança o bandido, numa interpretação absurdamente extensiva e nem por isso pouco eficaz, punha toda a sua vida de crimes a coberto de interpretações que lhe negassem um sentido ético essencial” (MELLO, 2011, p. 127). Pernambucano de Mello dividiu o cangaço em três tipos: O Cangaço de Vingança aquele em que o cangaceiro entrava em um bando para se vingar de alguma afronta pessoal ou familiar; o Cangaço-Refúgio que servia para homens que vendo-se ameaçados por grandes fazendeiros ou mesmo por algum membro de volante entrava nos grupos de cangaceiros em busca de proteção; e o Cangaço Meio de Vida, que seria o cangaço como profissão. Mello diz que um dos maiores expoente do Cangaço Meio de Vida foi o próprio Lampião.⁶

No bando de Sinhô Pereira, Virgulino recebeu o nome de Lampião. E quando, em 1922, Sinhô Pereira abandonou a vida cangaceira⁷, deixou seus sequazes subordinados à liderança de Lampião. Nasceu dessa maneira o “chefe de cangaceiros” que dominaria o Nordeste por quase duas décadas, desafiando o governo e a força policial dos estados de Alagoas, Sergipe, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia e Pernambuco. De 1922 a 1938, ano de sua morte, Lampião comandou o maior grupo de cangaceiros que o Nordeste já teve notícia. Atuando em sete estados nordestinos, o bando de Lampião variava entre trinta a cem cangaceiros que desafiavam os governos estaduais.

Contudo, se Lampião foi movido para o cangaço por um sentimento de vingança, percebemos que esse sentimento não foi o que prevaleceu para que ele se mantivesse por mais de vinte anos (de 1918 a 1922 como cangaceiro subordinado a Sinhô Pereira e de 1922 a 1938 como chefe de cangaceiros) “assombrando” o sertão nordestino:

⁶ Opinião que encontra comprovação nas palavras do próprio cangaceiro, que em entrevista dada em Juazeiro do Norte nos anos 1926, ao ser indagado sobre se pensava em deixar o cangaço respondeu: “Se o senhor estiver em um negócio, e for se dando bem com ele, pensará porventura em abandoná-lo? Pois é exatamente o meu caso. Porque vou me dando bem com este "negócio", ainda não pensei em abandoná-lo.” (Sousa Neto, 2011, p. 54.)

⁷ Mello (2011) diz que Sinhô Pereira assim que matou seu inimigo Antônio de Umburana, abandonou o cangaço. Pois seu intento tinha sido efetivado e ele não fez do cangaço um meio de vida.

Os cangaceiros também faziam ressaltar sua individualidade quando confessavam as razões pelas quais tinham se tornando bandidos. Muitos diziam que somente tinham saído fora da lei pela necessidade de vingar afrontas feitas a eles ou a suas famílias (CHANDLER, 2003, p. 16)

Em uma sociedade onde valores como honra familiar e valentia eram extremamente caros aos sertanejos; virar bandido para defender a família de uma violência era perfeitamente aceitável e até mesmo estimulado. Nos áridos sertões, considerados sem leis, não se vingar de uma afronta sofrida era ficar desmoralizado. Essa característica de “banditismo de honra” contribuiu para que o cangaço fosse visto com simpatia por alguns sertanejos. Existia uma relação muito ambígua entre as populações sertanejas e os cangaceiros; alguns, os viam como heróis, fazendo justiça, sem se rebaixar a ninguém, nem mesmo aos ricos que abriam seus salões e os recebiam com grande deferência, por medo das represálias. “Para eles, os cangaceiros eram representados como uma espécie de Robin Hood que roubava dos ricos para dar aos pobres” (FORTUNATO, 2012, p.25). Para outros, (principalmente para os que tinham sofrido alguma violência por parte deles) eram bandidos sanguinários, que não respeitavam as famílias nem a propriedade.

Muitas histórias eram contadas sobre Lampião e seu bando: estupros coletivos, castração aos homens que os delatavam a polícia, amputação de membros dos sertanejos que não lhe davam acolhida. Histórias muitas vezes fantasiosas, pela brutalidade desmedida, como as que eram contadas: colocar brasa nas redes das crianças pequenas, ou jogá-las ao alto para serem amparadas na ponta do punhal, causando a morte de recém-nascidos, essas eram algumas das histórias mais brutais atribuídas a Lampião. Essas histórias eram especialmente contadas nos jornais do Nordeste, que falavam em Lampião, na maioria das vezes, sob o aspecto negativo. Ao mesmo tempo em que os jornais e alguns folhetos de cordel tratavam das maldades de Lampião, outros cordéis falavam do lado heróico do cangaço, do porte de príncipe de Lampião, das riquezas amealhadas, dos bailes que davam nas cidades que invadiam. Portanto, Lampião e seu bando de cangaceiros foram notícia recorrente na imprensa brasileira. Os jornais e revistas da época não passavam muito tempo sem falar dos crimes atribuídos a eles. Algumas notícias falsas também eram veiculadas pela imprensa. Segundo Dutra (2012,

p.61) “De 1922 até 1938 não se passou um único mês que não fosse noticiado nos jornais algo sobre Lampião”.

Vale salientar que o bando de cangaceiros chefiado por Lampião operava mais comumente nos estados da Paraíba, Pernambuco a Alagoas. No Ceará não cometiam violências, até por conta do respeito que Lampião tinha ao Padre Cícero. Em 1927, Lampião resolveu atacar a cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte. Mossoró uma cidade bem desenvolvida do oeste potiguar se transformou no alvo mais ambicioso do bando de Lampião. A cidade foi atacada no dia 13 de junho, depois de Lampião negociar a importância de 500:000\$000 para não atacá-la. O prefeito Rodolfo Fernandes não aceitou a proposta de Lampião e ofereceu resistência ao bando que foi expulso com violência da cidade.

Depois da derrota em Mossoró, Lampião ficou enfraquecido, pois perdeu alguns cangaceiros. Como nunca havia feito operações no estado de Sergipe e na Bahia resolveu dar um tempo das perseguições das volantes em outro espaço. Por isso, em 1928, foi para a Bahia na tentativa de salvar seu reduzido grupo:

No ano de 1928, que marca a fuga dramática para os sertões baiano em razão da repressão desmedida feitas pelas polícias do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba desencadeada por causa do frustrado ataque a cidade de Mossoró (estado do Rio Grande do Norte), ele se encontrava na companhia de apenas quatro cangaceiros. (CARDOSO, José Romero et al. In: DANTAS, Kyldemir e MUNIZ, Caio César. **Cangaço – Episódios e personagens**, p. 96)⁸

Foi nessa fase do cangaço, quando o bando estava na Bahia, no ano de 1930 que se deu um acontecimento inédito: a incorporação de mulheres ao grupo de Lampião, que nesse momento já era denominado Rei do Cangaço, tendo suas proezas e crimes enorme notoriedade na imprensa de todo o país, tendo como pioneira Maria Gomes de Oliveira, que, sob vários pseudônimos, inclusive o de Maria Bonita, foi companheira de Lampião até a morte (de 1930 a 1938).

A repercussão da entrada de mulheres no cangaço foi amplamente evidenciada na historiografia e pelos cordelistas, instituindo representações e imagens complexas a este respeito. Por isso, abordaremos, a seguir, os lugares sócio-culturais atribuídos às

⁸ Obra pertencente ao Acervo virtual Oswaldo Lamartine de Faria, sem data de edição, integrante da Coleção Mossoroense, disponível em PDF no site: <http://www.colecaomossoroense.org.br/> Acessado em 15 de junho de 2013.

mulheres, devido a sua participação nos grupos de cangaceiros, tendo como figura emblemática Maria Bonita.

1.2. O ingresso das mulheres no cangaço

Segundo Gruspam (2006), há uma mudança significativa na vida dos cangaceiros com o ingresso das mulheres no bando de Lampião, pois foi instaurada uma nova hierarquia, com novos laços familiares e uma organização diversa da que existia até ali. Com as mudanças trazidas com a entrada das mulheres no cangaço houve uma maior tendência a sedentarização. Os antecessores de Lampião não aceitavam mulheres dentro dos grupos. Quando eram casados ou mantinham um relacionamento com alguma mulher geralmente as deixavam “guardadas” na casa de algum coiteiro, indo assim visitá-las quando encontravam oportunidade de ir as vilas ou cidades.

A primeira mulher a integrar o cangaço foi Maria Gomes de Oliveira, Maria Deá⁹, que entrou para a história como Maria Bonita. Os testemunhos dão conta que Maria Déa vivia um casamento infeliz, marcado por brigas, com seu primo legítimo, o sapateiro Zé de Neném. Homem que ela considerava covarde e fraco e que não teria lhe dado filhos. As brigas constantes do casal acabavam levando Maria Déa, nos momentos de desentendimentos, para a casa dos seus pais na fazenda Malhada da Caiçara, região de Santa Brígida, no estado da Bahia. A sua família dava assistência a Lampião sempre que ele passava pela região, em uma dessas passagens de Lampião, segundo alguns relatos, foi ela quem pediu para ser apresentada a ele, por considerá-lo um homem valente e de posição gloriosa, passando, posteriormente, a ser a primeira mulher a integrar um bando de cangaceiros. Quem nos conta esse encontro é Chandler (2003, p. 203)

Foi a mãe de Maria, conforme disse um dos cangaceiros do bando, quem contou a Lampião que sua filha tinha uma grande admiração por ele. Um dia, Maria veio para a fazenda quando Lampião estava lá, e o cangaceiro sentiu por ela amor à primeira vista. Alguns dias depois, quando o bando foi embora, Lampião a levou também, com o consentimento e as bênçãos da mãe.

⁹ Era chamada assim por conta do nome de sua mãe, que se chamava Déa. Então para diferenciá-la de outras Marias chamavam-na de Maria de dona Déa, que foi abreviado para Maria Déa.

Depois do ingresso de Maria Déa no cangaço, Lampião, sabendo que poderia ser perigoso ter uma mulher e não estender esse direito aos integrantes do seu bando, decidiu que a partir daquele momento outras mulheres fariam parte do bando, não como cangaceiras (guerreiras) e sim como companheiras, amantes, para servir ao amor, “Com exceção de Dadá, nenhuma das mulheres no cangaço tomava parte nos combates, mas elas se afirmavam como companheiras de um cangaceiro”.(GRUSPAN-JASMIM, 2006, p. 36)

Ao tempo que causavam terror em algumas mulheres, para outras os cangaceiros representavam uma vida cheia de aventuras e romantismos, coisas escassas nos sertões, onde quase se podia prever o futuro: casar, ter filhos, passar por privações, sem nunca conhecer nada além do mundo em que viviam. As mulheres que entraram para o cangaço voluntariamente inverteram essa lógica e saíram à procura de um novo destino. As que entraram de forma involuntária (sendo raptadas e obrigadas a viver com os cangaceiros) foram vítimas de um destino inexorável, vítimas da falta de proteção da família e do Estado. A vida no cangaço, ao mesmo tempo em que libertava, também aprisionava.

A entrada de Maria Bonita no cangaço abriu a via para outras mulheres. Sertaneja, ela conhecia a condição social das camponesas. Prisioneiras, na sua grande maioria, do sofrimento e da solidão, muitas eram escravas de senhores perversos. Abrindo o cangaço às mulheres, ela abriu igualmente as portas da prisão vivida como um destino, numa existência insípida na qual a miséria provocava a morte lenta de um corpo envelope, numa “espera” que não aguenta mais por esperar (LINS, 1997, p. 67).

Cangaceiros como Jesuino Brilhante, Sinhô Pereira, Antônio Silvino não permitiam que mulheres vivessem nos bandos e essa proibição não se dava só por aspectos práticos, como por exemplo, a aparente fragilidade da mulher e a sua falta de preparação com as armas e com a vida de fugas e violência. A entrada das mulheres não era permitida por conta de crenças religiosas. A mulher poderia trazer para o grupo má sorte, poderia amolecer os homens, enfraquecê-los, “elas representavam um perigo tanto no plano real como no plano simbólico” (GRUSPAN-JASMIM, 2006, p.121). Deitar com uma mulher poderia deixar os homens menos afeitos à violência e mais desprotegidos, poderia abrir o corpo dos cangaceiros. As rezas fortes seriam quebradas com a presença feminina. Eram muitos os tabus ligados ao sexo feminino:

Bem antes da entrada das mulheres no cangaço, o próprio Lampião impunha aos companheiros todo um ritual cheio de proibições sexuais. Assim era perigoso ter relações sexuais nas sexta-feiras, “dia da morte de Jesus” e na véspera de combates quem tivesse cometido o “pecado da carne” devia emergir nas águas purificadoras do São Francisco, depois das dez da noite, com a cabeça protegida por um chapéu de palha (GRUSPAN-JASMIM, 2006, p. 229).

A vida dos cangaceiros girava em torno de rituais mágicos, de rezas fortes que na crença deles fechavam seus corpos e os faziam escapar das armas dos inimigos. As orações de São Jorge e da Pedra Cristalina, por exemplo, eram muito usadas, principalmente nos momentos de perigo para o grupo. Andavam com orações dentro de saquinhos junto ao corpo, orações muitas vezes oferecidas por religiosos, medalhas do Padre Cícero e toda a sorte de amuletos protetores. Ao morrer, Lampião trazia no pescoço várias orações. Sobre a religiosidade de Lampião, Ranulfo Prata assevera:

Finge mais superstição do que possui, com o fim de criar em torno de si atmosfera de mistério e sobrenatural. Traz pendentos do pescoço saquinhos encardidos contendo rezas salvadoras, bentinhos milagrosos, medalhas protetoras e um grande Cristo em ouro maciço, roubado a uma senhora da aristocracia pernambucana. (PRATA, 2010, p. 41)

Indo contra as superstições Lampião acrescentou um novo ingrediente ao cangaço. Se já havia a vingança, a aventura a violência, com a entrada das mulheres passa a haver o romance, o sexo e o amor como novos elementos que deram ao cangaço uma dimensão maior. Lampião também marca um lugar de diferença frente a todos os cangaceiros antecessores. Ao encontrar Maria Déa, Lampião agregou a sua vida a normalidade de viver uma relação com uma mulher. Nesse momento ele deixou de pensar apenas como um guerreiro sanguinário.

Quaisquer que tenham sido as verdadeiras circunstâncias desse encontro, todas as narrativas, poemas e testemunhos concordam em dizer que Lampião, a partir da sua ligação com Maria Bonita, tornou-se herói de um romance de amor, acrescentando outra faceta à sua personagem, simultaneamente guerreiro sanguinário e amante apaixonado (GRUSPAN-JASMIM, 2006, p. 130).

A decisão de Lampião em levar mulheres para o cangaço não foi interpretada pelos escritores contemporâneos aos fatos, como algo pautado em romantismos. Em alguns discursos, cito aqui o de Ranulfo Prata, no livro *Lampião*, escrito em 1934, enquanto Lampião ainda estava vivo e, segundo alguns testemunhos, lido pelo Rei do

Cangaço, atribui-se simplesmente ao sexualismo exagerado do cangaceiro o ato de levar mulheres para o cangaço:

Sátiro, dominado sempre de super-sexualismo, denunciador do desequilíbrio somático evidente, tem uma amante famosa, que o acompanha, Maria Déa, de 20 e poucos anos, cabocla simpática, de cabelos de um negror de quixaba madura, filha do velho Cazé e natural de Malhada do Caiçara, município de Geremoabo. (PRATA, 2010, p. 40)

Já as versões dos cordelistas sempre trazem a paixão de Lampião, que não resistiu aos encantos da sertaneja, moça e bonita. Todas essas versões combinam em afirmar que foi Maria Déa quem tomou a iniciativa de conhecer e de partir com Lampião, mostrando que, nesse momento da vida ela tomou uma decisão por conta própria, não foi levada a força como Dadá¹⁰, que foi brutalmente estuprada por Corisco¹¹, ou Sila¹², que ainda adolescente foi levada por Zé Sereno. Dessa maneira ela também quebrou a tradição de mulheres que pouco ou nada escolhiam.

Com a entrada de Maria Déa “O clube fechado, o círculo no qual se permitia somente a presença masculina foi rompido” (ARAÚJO, 2012, p. 386). E isso não passou despercebido pela sociedade sertaneja e mesmo pela litorânea, que por meio dos jornais discutiam aquela nova proeza de Lampião.

¹⁰ Dadá foi mulher do cangaceiro Corisco. Foi raptada e estuprada por ele com a idade de treze anos. Por mais que tenha entrado no cangaço sofrendo uma violência, com o passar dos anos ela se adaptou a vida no grupo e viveu juntamente com Corisco uma grande história de amor. Em 1940, Corisco foi morto pelo tenente Zé Rufino e Dadá foi capturada ferida. Esse ferimento lhe causou a amputação de uma perna. É apresentada na historiografia do cangaço como mulher valente e perigosa, que muitas vezes incitava Corisco a cometer brutalidades. Se diferenciou das outras mulheres cangaceiras por pegar em armas e também por chefiar juntamente com Corisco, já para o final do cangaço o reduzido grupo de homens que os acompanhavam. Sua história e a de seu marido foram retratadas no cinema, nos filmes: “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, do cineasta Glauber Rocha e “Corisco & Dadá”, de Rosemberg Cariri. Dadá morreu em 1994 na cidade de Salvador. Até o fim reafirmou o seu amor por Corisco.

¹¹ Cristiano Gomes da Silva Cleto, o Corisco, foi o subchefe mais famoso do bando de Lampião. Antes de ser cangaceiro foi soldado do Exército. Conheceu Lampião em 1926. Corisco é descrito como um galã, por ter sido bastante diferente dos outros cangaceiros. Era um homem alto e loiro, daí a alcunha “O diabo loiro”. É lembrado pela violência desmedida. Segundo Dadá, Corisco tinha um pouco de instrução, pois ensinou-a a ler e escrever. Com a morte de Lampião, empreendeu uma grande vingança contra as pessoas que ele acreditou ter denunciado o coito de Lampião. O fim oficial do cangaço acontece com sua morte em 1940.

¹² Ilda Ribeiro da Silva, conhecida no cangaço por Sila, foi companheira do cangaceiro Zé Sereno. Sila foi raptada por Zé Sereno ainda adolescente. Estava em Angicos, juntamente com Maria Bonita e Lampião quando estes foram mortos pela volante do tenente João Bezerra. Sobreviveu ao massacre de Angicos, juntamente com seu companheiro Zé Sereno com quem se casou e permaneceu junto até a morte deste no começo da década de 80. Antes de sua morte em 2005, Sila escreveu livros, deu entrevistas para revistas nacionais e participou de documentários que tratavam do tema do cangaço.

Assim, a feminilidade da mulher cangaceira mexia com o imaginário dos jornalistas, da população e dos soldados volantes. Com a incorporação das mulheres o cangaço passava de uma confraria de homens a, de certa forma, imitar as estruturas familiares culturalmente normais, com cada homem podendo possuir uma mulher. Para os que viam de fora, o olhar da população e da imprensa criava um imaginário de superexcitação para as relações dos cangaceiros e cangaceiras. Lins (1997) diz que dois jornais de Salvador chegaram a noticiar que Lampião possuía um harém, e isso só fez aumentar a imaginação popular sobre o romance do cangaço.

A partir dessa compreensão, Lampião revolucionou o cangaço e a própria sociedade sertaneja ao permitir mulheres no grupo, já que o cangaço era considerado como coisa de “cabra macho”, lugar em que os meninos sertanejos afirmavam sua masculinidade. Lampião rompeu essa tradição ao aceitar a presença feminina, dessa maneira tirou a mulher do lar, único lugar aceitável para elas e as incorporou dentro de uma luta, dando-lhes assim uma nova identidade: a de cangaceiras.

Antes da incorporação no bando, as mulheres eram vistas pelos cangaceiros como um perigo, um corpo repleto de mistérios. Comparadas à mãe ou irmãs deveriam ser respeitadas. Isso se dava principalmente com a figura materna que segundo Daniel Lins (2012, p. 23) era assim pensada pelos sertanejos como: “Santa, dedicada, [e] conformada à lei do marido, ela deveria ser idolatrada, pois seu corpo, santificado pelo sofrimento, eliminava a marca do pecado original, erro supremo de Eva”.

As outras mulheres, principalmente aquelas que estavam aliadas com os inimigos dos cangaceiros, sendo familiares de policiais volantes ou de qualquer um que ousasse desafiá-los, eram vistas simplesmente como inimigas, que seriam subjugadas pelo seu sexo: “Ora, para o cangaceiro, como para o guerreiro, o inimigo é sempre o outro a se evitar, a castigar e, se necessário, a matar. A mulher, estranha ao bando, merecia a mesma sorte que o inimigo ou “macaco” perseguidor” (LINS, 1997, p. 115).

Nisso o estupro também era usado pelos cangaceiros como arma de guerra. Violentar uma mulher era desgraçá-la, deixá-la sem utilidade numa sociedade que prezava a pureza feminina, sobre isso Lins (1997, p 104) diz: “A violação dava, pois, lugar a uma condenação radical da mulher. Não havia nem perdão, nem compreensão para com a vítima”. Dessa forma Lampião usava o estupro para humilhar os inimigos.

Alguns autores afirmam que com a entrada das mulheres no bando houve uma diminuição nos estupros cometidos pelos cabras.

1.3 PRÁTICAS E VIVÊNCIAS DA MULHER CANGACEIRA.

As mulheres que foram inseridas no cangaço, ou as que se inseriram por vontade própria, têm sua origem social muito similar a dos homens que acompanhavam. Provenientes de famílias numerosas, essas meninas e moças sertanejas pouco conheciam do mundo fora dos limites do seu lugarejo de origem. As festas, os divertimentos eram coisas raras no sertão dominado pelo trabalho e castigado pelas secas e pela violência do cangaço e das volantes. A pobreza, a falta de oportunidades e os casamentos arranjados com vizinhos ou primos, depois os filhos, as lidas domésticas eram as perspectivas de cotidiano. Caso não arrumassem marido a situação social da mulher ainda seria pior, viraria algo sem valor. Sem um pai, um irmão ou um marido para defendê-la a mulher estava desprotegida, podendo ser ofendida por outros homens. Sem um parente para sustentá-la o caminho muitas vezes era o da prostituição ou mesmo ficar “encostada” na casa de algum parente. As mulheres pobres sertanejas não tinham muitas escolhas. Ser mulher por si só já denotava uma inferioridade em um sertão onde a masculinidade e a força eram privilegiadas. A mulher ficava sem uma identidade própria, seguindo modelos impostos pelos homens:

Mulheres ricas, mulheres pobres; cultas ou analfabetas; mulheres livres ou escravas do sertão. Não se importa a categoria social: o feminino ultrapassa a barreira de classes. Ao nascerem, são chamadas “mininu fêmea”. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregam dentro delas (FALCI, 2011, p. 241).

Neste sentido, entrar para o cangaço era uma opção libertadora, pois, pelo menos dentro dos bandos, as meninas não viveriam mais a situação opressora da sociedade sertaneja que impunha às mulheres uma vida de sacrifícios. Segundo Lins (1997), as mulheres encontraram no cangaço um destino menos humilhante, para o autor o cangaço era um lugar de quebra de tabus em que homens e mulheres sertanejos seriam donos de sua própria história. Muitas moças sofreram violências sendo arrancadas de suas famílias e indo involuntariamente viver com os cangaceiros. Outras

iam desejosas de viverem com seus homens uma aventura de amor, esquecendo muitas vezes que a partir desse ponto suas vidas seriam de medo, sem um teto sobre a cabeça, reféns da liberdade, reféns da violência. O cangaço era para essas moças uma forma de ascensão social.

Abandonadas ou entregues aos cangaceiros como mercadorias a serem consumidas, elas encontravam na comunidade não apenas o belo sexo, ardente, “castelo de popa” ou garanhão furioso, mas homens vigorosos, decididos, que amavam a festa e o prazer pelo dinheiro. “Ricos” tinham muito dinheiro, jóias, comida, e o mais importante: eles davam às meninas-moças, “camponesas desvalidas”, um lugar no grupo e muita amizade. Uma vez integradas no seio do cangaço, tornavam-se cangaceiras, o que lhes dava uma identidade e um espaço de autonomia, um nome, uma significação (LINS, 1997, p. 77).

Algumas mulheres entravam no cangaço para acompanhar o marido ou namorado que entrava nos bandos. Esse, por exemplo, foi o caso de Enedina, que virou cangaceira para seguir seu marido. Segundo Araújo (2012), Enedina vivia tranquilamente com seu marido José do Nascimento, que por perseguições de alguns comandantes de volantes foi pedir refúgio a Lampião. Dessa forma, Enedina entrou no cangaço para acompanhar seu marido, permaneceu no cangaço até o fim, pois foi uma das que tomaram juntamente com Maria Bonita e Lampião na grotta do Angico em julho de 1938.

Outro ponto importante na ruptura dos costumes femininos no cangaço é que as mulheres não entraram na vida do cangaço pra fazer “serviços de mulher”, como lavar, cozinhar e costurar, ou para servirem como guerreiras. Antes da entrada das mulheres no grupo de Lampião, os homens já dividiam entre si os afazeres necessários a sua existência na caatinga, essa divisão ficou praticamente a mesma com a chegada das mulheres. Elas também não tomavam parte nos combates, não estavam ali para pegar em armas. Quando aconteciam confrontos era comum que as mulheres se escondessem, não ficavam na dianteira dos grupos. Sobre isso Chandler nos diz:

No bando, eram, essencialmente, as mulheres dos cangaceiros, e não cangaceiras. Aprendiam a atirar como medida de proteção, mas, normalmente, ficavam afastadas na hora dos combates. A responsabilidade maior das mulheres era serem companheiras de seus homens. Como os cangaceiros não tinham casa permanente, e viviam em acampamentos rústicos e temporários nos matos, elas não tinham os tradicionais deveres de dona-de-casa com que ocupar o tempo. (CHANDLER, 2003, p. 204)

Elas costuravam, bordavam quando os grupos estavam parados em algum coito mais protegido, mas isso não se caracterizava como um dever exclusivamente feminino, pois o próprio Lampião também costurava, segundo o que nos diz Mello (2011). As mulheres se divertiam juntamente com seus companheiros, nas diversões comuns dos acampamentos, como as danças e o jogo de cartas. A vida durante esses oito anos em que as mulheres estiveram no grupo, até o fim do bando de Lampião, foi um período mais tranquilo, do ponto de vista de menos combate e de menos andanças pelo sertão, tanto é assim que Antônio Amaury Corrêa de Araújo fala que só quatro estados nordestinos receberam a visita das mulheres cangaceiras. “Contentaram-se as mesmas em delimitar o seu pervagar cigano de andarilhas incansáveis aos chãos baiano, pernambucano, alagoano e sergipano” (ARAÚJO, 2012, p. 386).

As mulheres quando escolheram o cangaço ou quando foram levadas para essa vida involuntariamente perceberam que seus papéis não eram mais os mesmos de quando viviam no seio da sociedade sertaneja. Essas mudanças não se deram só no âmbito social, o papel da mulher muda nas questões ligadas a maternidade e também a feminilidade. As mulheres cangaceiras pariam, mas não maternavam seus filhos, pois o ambiente do cangaço já havia inserido as mulheres, mas nunca foi espaço para crianças, frutos das relações amorosas dos cangaceiros. A inocência das crianças, seus choros incontroláveis e sua própria fragilidade física impediam que vivessem junto aos cangaceiros. As mulheres tinham seus filhos, mas se separavam o mais rapidamente possível de suas crias, deixando dessa maneira de representar o papel social de mães cuidadoras.

As mulheres maternam. Em nossa sociedade, como na maioria das sociedades, as mulheres não apenas geram os filhos. Elas também assumem a responsabilidade inicial pelos cuidados das crianças, dedicam mais tempo a bebês e a crianças do que os homens, e mantêm os primeiros laços emocionais com os bebês (CHODOROW, 2002, p. 17).

“Nesse ponto, Maria Bonita, secundada por Lampião, subverteu, uma vez mais, o paradigma de uma “feminilidade” refém do maternal...” (LINS, 1997, p. 83). Dadá e outras mulheres cangaceiras também não conseguiram cuidar dos seus filhos, que ao nascer eram entregues aos cuidados de coiteiros ou a autoridades como juízes de direito, ou até a padres como foi o caso de Dadá e Corisco que em 1935 entregaram seu filho

recém-nascido aos cuidados do padre Bulhões: “A carta que mandaram junto, pedia ao padre José Bulhões para aceitar a criança e dar-lhe uma boa educação”.(CHANDLER, 2003, p. 205) A separação mãe e filho no contexto do cangaço geralmente não era questionada pelas cangaceiras, pois ao entrar no bando a mulher rompia com quase todas as tradições e costumes ligados ao seu sexo, inclusive aos que diziam respeito a maternidade. Essas práticas e vivências que se configuravam uma exceção às regras foram enunciativas para as imagens da mulher cangaceira na historiografia e na literatura de cordel, como discutiremos a seguir.

CAPÍTULO 2: IMAGINÁRIO HISTÓRICO SOBRE MARIA BONITA

Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita da história, nasceu no dia 08 de março de 1911, na fazenda Malhada da Caiçara, município de Santa Brígida, no estado da Bahia.

Maria Gomes de Oliveira, Maria de dona Déa, Maria Déa, Santinha, Maria do Capitão, passou a vida toda tendo seu nome atrelado ao de alguém. Primeiro era Maria, não uma Maria qualquer, e sim Maria de Dona Déa, pertencendo assim a sua mãe. Uma mulher que foge de seu marido e vai atrás de um cangaceiro como Lampião não teria status na sociedade sertaneja de mulher “direita” ou “santa”, mas Lampião com seus poderes de rei do cangaço nomeava todos os cangaceiros e não fez diferente com Maria Déa. Dessa forma rompeu para o grupo a história de mulher adúltera de Maria Déa e a faz renascer sob o nome de Santinha.

Ao “transformar” Maria Déa em “Santinha”, ele deu à nomeação não apenas um valor estratégico, mas antropológico, sagrado e psicológico. Mudar de nome significa morrer para muitas coisas: esquecer sua história, integrar um novo corpo, uma alma nova, assumir uma profunda metamorfose, construir uma nova identidade. Mais que a morte do passado, a mudança de nome, como na China, significa igualmente um instrumento de cura (LINS, 1997, p. 44).

Algumas versões dão conta que o nome escolhido por Lampião para Maria teria sido uma homenagem a uma antiga namorada dele que se chamava Santinha, essa versão se apóia na história oral e na literatura de cordel. Segundo Lins, essa versão foi a instituída de acordo com o imaginário popular.

Para os outros cangaceiros, Maria Déa virou Maria do Capitão ou Dona Maria do Capitão, passando assim a pertencer a Lampião, pertencia de corpo e alma, numa aliança que só mesmo a morte poderia desmanchar. Quando saiu para viver com Lampião, Maria sabia que fazia um caminho sem volta, não poderia voltar a ser Maria Déa e viver perto de sua família e na sua terra. Mesmo que Lampião deixasse um dia o cangaço, Maria tinha convicção que não poderia viver de forma normal. O ódio e o sangue que seu companheiro deixara atrás de si não lhe permitiriam voltar. Maria procurou poder e liberdade, encontrou o poder que poderia ser exercido apenas dentro do próprio grupo de cangaceiros, encontrou a liberdade da fuga. Fugia das volantes, de

si mesma, da fazendola Malhada da Caiçara, de seu antigo nome, de sua antiga vida comum.

A história de vida de Maria Bonita é pensada pelos estudiosos do cangaço não só pelo viés de sua vida como cangaceira, mas mesmo antes de sua entrada no cangaço, por isso seu casamento, sua vida familiar e os motivos que fizeram dela a primeira mulher a entrar no bando de Lampião são bastante discutidos. Muitas são as versões para uma mesma história, de modo que as imagens formuladas sobre a “Rainha do Cangaço” também são diversificadas. Muitos se apropriam de sua história, escrevendo sobre uma mulher cheia de virtudes ou por outro lado uma mulher leviana. Ela é julgada e depois absolvida, assim os autores enumeram as dificuldades dela, a solidão em que vivia e a descoberta do amor, que a impulsionou para o cangaço.

Sua infância, adolescência e a fase adulta são tratadas nos artigos e livros sobre o cangaço. Sobre sua infância todas as versões dadas aparecem com base em depoimentos de pessoas que viveram com ela, como irmãs e também baseadas na imaginação de quem escreve sobre ela. Outro ponto a ser observado sobre a história de Maria Bonita é que, diferentemente de Sila e Dadá, ela não pode contar sua história, fazer considerações sobre sua vida ao lado de Lampião, sua memória é sempre delimitada e controlada por outros, que lhe dão a forma pela sua visão, por suas intencionalidades. Sendo assim, aparece a Maria Bonita sedutora, valente, perigosa, protetora, mulher adúltera, traidora, santa. Sua aparência física também é alvo de comentários, principalmente de expectativas sobre sua beleza.

Até sua data de nascimento dia 08 de março, é usada pra dar uma aura revolucionária a Maria Bonita. Uma revista piauiense chamada *De repente*, voltada para a cultura sertaneja e que tem a poesia de cordel como carro chefe, traz uma reportagem sobre o Dia Internacional da Mulher mostrando que a data do aniversário de Maria Bonita é a escolhida para representar o referido dia, por ela ser considerada representante da mulher nordestina. No artigo, o autor diz que não poderia deixar de homenagear as “sertanejas pobres que envelhecem precocemente ante as agruras de uma vida espremida entre o duro trabalho do campo e da casa” (FERNANDES, 2010, p. 20).

O artigo, escrito em 2010, representou as sertanejas da atualidade como se elas vivessem a mesma realidade das mulheres que entraram para o cangaço. Percebemos que o sertão é pensado por este autor como espaço em que o progresso não chega, lugar

que parou no tempo, onde as mulheres continuam escravas, sacrificadas a uma vida de trabalho.

Ao comparar as mulheres sertanejas da atualidade a Maria Bonita, Fernandes defende que mesmo sendo uma “sertaneja pobre” ela conseguiu entrar na história por ter sido a companheira de Lampião, o maior cangaceiro de todos os tempos, dessa forma ele demonstra que a história de Maria Bonita estava subordinada a de Lampião. Nesse artigo, fica bem claro como Maria Bonita é pensada como mulher forte, revolucionária e principal expoente entre as mulheres cangaceiras, pois através da data de nascimento dela as outras cangaceiras são representadas

Desta forma, no Dia Internacional da Mulher, fica a lembrança destas guerreiras do sol quente que, empurradas para a garganta do cangaço, calçaram as alpercatas, pisando firmemente as veredas ínvias dos sertões, imortalizadas pelos cordelistas e violeiros. Enfrentaram, com lágrimas nos olhos e muitas coragem, todas as agruras, ao lado de seus maridos. (FERNANDES, 2010, p 22)

Em LIMA; MARQUES (Orgs.) (2010) os autores tratam a infância de Maria Bonita baseados na imaginação, pensam dessa maneira uma Maria Bonita que nasceu inocente, não predestinada a uma vida cheia de percalços como foi a sua, uma menina que teve todos os sonhos, angústias e medos próprios da sua idade e do seu tempo. Tendo uma vida plena de sensações:

Apreciou os pássaros e seus cantos, seguiu borboletas, colheu lenha, acendeu fogo, cozinhou, apagou chamas. Sentiu dor, talvez mais que muitos de sua geração. Perdoou, consolou. Olhou da janela, divisou alazão que voava nas veredas infindas, trilhou caminhos quase sem volta. Viveu momentos, muitos momentos, caminhou muitas léguas, várias tiranas, teve medo, engravidou, teve filhos, nos matos bravios da caatinga. Se embriagou com os aromas da fauna sertaneja, fragrâncias únicas. Se feriu, nos tantos espinhos, filetes de sangue a manchar-lhe a pele, a pele morena, morena tão bela. Sarou feridas, criou cicatrizes. Sentiu saudades, essas muito mais que todos. (LIMA, In: LIMA; MARQUES (Orgs), 2010, p. 46).

Interessante notar que autor dá sentimentos a Maria Bonita. Tenta, dessa forma, nos trazer a figura histórica na perspectiva humana, pois vai narrando fatos cotidianos da existência de qualquer pessoa que tenha vivido no meio em que ela foi criada. Maria Bonita, nessa elaboração, teria sentido dores (dores da alma, dores físicas) e saudades maiores do que a outras pessoas. O autor confere, através de seu texto, uma dimensão poética sobre os caminhos trilhados por ela no cangaço, por mais que tenha se ferido e

sofrido mais que os outros, ela teve o gozo de poder sentir a natureza de forma mais próxima. Surge assim uma mulher natureza, pronta a receber o cheiro e mesmo as agressões da fauna sertaneja, com seus espinhos que machucavam-lhe a pele, que para o autor era uma pele morena, bela, dessa forma reforçando mais uma vez a imagem de beleza excepcional que é atribuída a nossa personagem.

Uma Maria Bonita pusilânime, cabeça de vento, vaidosa em demasia, é descrita pelo memorialista Alcino Alves da Costa no seu livro *Lampião Além da Versão, Mentiras e Mistérios de Angicos* (2011). Costa se refere à Maria Bonita enfocando a sua juventude, “Matutinha atirada, cheia de dengos, bonitinha, malcriada, faceira, alegre e apetitosa”. (COSTA, 2011, p. 125) Essas características para o autor já apontavam que Maria teria um destino diferente das outras moças. Sua formosura, sua independência não eram apropriadas para uma vida anônima. “Positivamente, aquela caboclinha não era mulher para fazer a vida e ir para uma cama com um parágrafo e desconsolado como o sapateiro de Santa Brígida”. (COSTA, 2011, p. 125) Assim, nos é mostrada uma mulher com uma sexualidade a flor da pele, uma sexualidade não apropriada para um matrimônio nos moldes normais de sua época, quando o casamento servia apenas para a procriação, não se permitindo dentro dessa instituição o romance e a paixão: “O amor conjugal era feito de procriações. Apenas. Nada de paixões infecundas, de amores romanescos, de sentimentos fora de controle”. (DEL PRIORE, 2011, p. 252) Para Costa, Maria Bonita estava predestinada a um amor cheio de aventuras, de romance e de paixão, por isso ele nos conta um caso amoroso que Maria Bonita teria tido já estando casada com Zé de Neném, antes de encontrar Lampião. Costa nos diz que Maria Bonita ainda casada desejava aventuras amorosas, segundo ele isso se dava por ela com seu gênio explosivo não suportar um homem como o seu marido que é descrito assim pelo autor: “Zé de Neném, um rapaz já caindo para a idade, moço sério, respeitador, porém sem os fulgores dos dezoito anos” (COSTA, 2001, p. 125). O autor atribui a Maria Bonita um caso com um comerciante de tecido de Santa Brígida.

A futura rainha do cangaço inicia um romance com o prestimoso lojista que seria depois o grande patriarca daqueles sertões. Romance ardoroso. Altamente sigiloso. Tão sigiloso que ainda hoje é negado pelos seus familiares.

Tempos aqueles em que possuir uma mulher casada era uma preciosidade que só poderia ser alcançado dentro do maior segredo e debaixo de sete chaves.

Maria Déa se atira aos braços do amante. João Maria é exatamente o inverso do marido. É explosivo, ardente, carinhoso e arrojado, deixa a moça na mais completa felicidade (COSTA, 2011, p. 125).

Esse episódio da vida de Maria Bonita não tem nenhuma comprovação sobre sua veracidade, pois como diz o autor os familiares negaram o romance. Esse fato não é importante por ser verdadeiro ou não, mas sim por demonstrar a forma como a vida de Maria Bonita é retratada nos livros que tratam sobre o cangaço. Costa retrata uma Maria Bonita já acostumada a infidelidade, ele entra na alcova da personagem, enumera até as qualidades do amante que faziam a felicidade de Maria Bonita, desnuda o sexo de uma mulher que ele nem chegou a conhecer, que nunca ouviu falar. O autor parte do seu próprio imaginário, talvez não para inventar o acontecimento, mas sim para dar tons romanescos, atribuir desejos e sensações a Maria Bonita, fazendo dela uma mulher muito sexualizada, desejosa de emoções que para ele seriam difíceis de se realizar no leito conjugal de Zé de Neném e Maria Déa.

Dessa forma, quando analisamos os discursos acerca da vida de Maria Bonita não estamos procurando onde está a verdade e sim o que esses discursos nos falam sobre quem os escreve. Portanto, podemos notar que o imaginário de um grupo social fala muito sobre esse próprio grupo, pois segundo Swain, (1993, p. 48)

O imaginário trabalha um horizonte psíquico habitado por representações e imagens canalizadoras de afetos, desejos, emoções, esperanças, emulações; o próprio tecido social é urdido pelo imaginário – suas cores, matizes, desenhos, reproduzem a trama dos fios que engendrou.

Assim, ao imaginar tantas cenas da vida de Maria Bonita, dando-lhe sentimentos e sensações o autor nos dá mostras de uma sociedade que determinava papéis de diferenciação, principalmente no fator sexual para mulheres que como ela partissem para viver uma situação incomum. Ao imaginar a vida dos personagens os autores se apropriam em parte da vida por eles representada.

Esse episódio da infidelidade de Maria Bonita é contraditado em Lima (2010) no capítulo chamado: **Um mundo de mentiras e de histórias criadas por oportunistas e irresponsáveis**. A primeira frase do capítulo diz: “As inverdades rondam o mundo do cangaço como se fossem tatuagens impregnadas na epiderme da história, fatos imaginários são tidos como verdadeiros e propagados com a velocidade do raio” (LIMA, 2010, p. 41). O artigo condena as inverdades que são escritas sobre o

cangaço. O imaginário é muito presente nessa história de homens e mulheres que enquanto viviam na caatinga só eram representados pelo olhar de uma elite culta, branca e litorânea¹³. Este capítulo foi escrito para defender a honra de Maria Bonita. Os textos que dizem que Maria Bonita traiu o marido e que depois tenha traído Lampião com o cangaceiro Luis Pedro são tachados pelo autor de irresponsáveis. Já os que asseguram que na união de Maria Bonita e Lampião não houve espaços para brigas e desentendimentos, e que os dois protagonizaram uma história de amor repleta de heroísmo, é considerada pela maioria dos analistas do cangaço como a única e verdadeira versão aceitável. Dessa forma muitos autores condenam o imaginário ao procurar dar ao cangaço uma verdade histórica difícil de apreender.

Lima também fala nesse capítulo que ao se apresentar em conferências e seminários sobre o cangaço escuta as mesmas perguntas sobre se Maria Bonita traiu Lampião e se havia homossexual no cangaço. Ele afirma que ao fazer essas indagações essas pessoas se reportam aos livros que leram sobre o tema. Sobre isso, o autor comenta que “As indagações são diversas e muitos afirmam serem verdadeiras as histórias, pois leram nos livros e autores irresponsáveis, que confundem mentes de interessados em conhecer um pouco a história de uma época”. (LIMA, 2010, p. 42)

2.1. A imagem da beleza: Maria, “a bonita”

Maria Bonita, mulher que entrou para a história carregando o adjetivo de bonita ao nome Maria, nome feminino por excelência, nome da mãe de Cristo, nome da prostituta mais famosa da história Maria, a Madalena, que depois se arrepende e vira santa, nome de muitas mulheres brasileiras, sertanejas: Maria de Lourdes, de Fátima, da Paz, dos Anjos, Maria Bonita. O bonita do nome remete a uma beleza alvo de muitos debates. As imagens feitas por Benjamim Abraão¹⁴ mostram Maria Bonita fazendo pose para as lentes do fotógrafo com ou sem Lampião, acompanhada de outros cangaceiros como Sabonete, Luis Pedro, em outras imagens aparece com os cachorros do grupo.

¹³ Sobre isso Gruspan Jasmim diz “Os órgãos de imprensa distantes do campo de operações eram certamente mais permeáveis a certas formas de condicionamento ideológico e por isso constituíam um local de expressão privilegiado para o poder do Estado, para as autoridades policiais e governamentais do Nordeste” (GRUSPAN-JASMIM, 206, p. 301)

¹⁴ Benjamim Abrahão Botto, sírio libanês, ex-secretário de Padre Cícero, que no ano de 1936 fez as únicas imagens em movimento de Lampião e seu bando. Para isso contou com o patrocínio da Aba Filme, que cedeu os equipamentos.

Essas fotografias de Maria Bonita servem muitas vezes como exemplo para os escritores que falam do cangaço dizerem que ela era realmente bonita. As imagens mostram os cangaceiros dentro da caatinga, vestidos como o costume, mas fazendo pose, pois sabiam que essas fotos fatalmente seriam mostradas nos jornais da época¹⁵.



Imagem 1: Benjamin Abrahão, 1936.

Na foto, Maria Bonita aparece vestida com esmero, sentada, portando suas jóias, posando de diva de cinema ao lado de Lampião, que aparece lendo um jornal da época, mostrando assim sua condição de alfabetizado, juntamente com os dois estão os cães de guarda do bando. Sendo assim,

As fotografias expressam esteticamente como as cangaceiras queriam ser lembradas ou perpetuadas, e o tipo ideal de mulher com o qual queriam ser identificadas. Isso fica explícito nas fotografias produzidas em espaços abertos da caatinga, na qual algumas cangaceiras reproduziram a postura e o gestual das mulheres da elite rural/urbana, como se estivessem posando em estúdios consagrados (FREITAS, 2005, p. 144).

¹⁵ Ao permitir que Benjamin Abrahão fotografasse seu grupo, Lampião estava forjando uma imagem de força e poder para si mesmo. Sabia que aquela seria sua representação nos jornais.

Outro meio de se interrogar sobre a aparência de Maria Bonita é o depoimento dos que a conheceram, mesmo que esses depoimentos sejam controversos, já que muitos não atribuem a Maria Bonita a beleza que muitas vezes é citada nos livros por alguns autores que escrevem quase num arrebatamento de paixão sobre ela. Araújo (2012) colheu depoimentos de pessoas que conviveram com Maria Bonita, antes dela ser cangaceira e depois de entrar para o cangaço, para escrever o livro *Lampião as Mulheres e o Cangaço*. Nesse livro, o maior capítulo é o que fala sobre Maria Bonita e discute a sua aparência. O autor nos apresenta Maria Bonita na idade em que conheceu Lampião defendendo que “Teria ela nessa ocasião dezoito anos, morena, cabelos pretos, rosto mais para o redondo, nariz proporcional e bem feito, lábios cheios em boca de dentes perfeitos, pernas grossas. O traseiro batido segundo Balão” (ARAÚJO, 2012, p. 73). Segundo essa elaboração, Maria Bonita possuía todos os atrativos para seduzir o Rei do Cangaço, sua aparência resplandecia beleza, feminilidade e juventude necessárias para fazer Lampião quebrar as regras tácitas de não aceitar mulheres no cangaço. Nesses discursos, tudo leva a crer que no imaginário sertanejo um homem como Lampião, poderoso, jovem e rico, não iria escolher para si uma mulher que não fosse a mais bela entre as belas. Desse imaginário da beleza da mulher de Lampião surgiu o nome (Maria Bonita)¹⁶, que foi propagado dentro das volantes mais para o final do cangaço. Porém, nem todas as opiniões sobre as cangaceiras são no sentido de dignificá-las. Maria Bonita, por exemplo, foi também agredida por meio de textos. Joaquim Gois, que diz tê-la conhecido pessoalmente, fala de Maria Bonita de forma agressiva e preconceituosa, tirando dela qualquer qualidade. Mesmo quando é para desmistificar, Maria Bonita não é tratada com indiferença, até seus inimigos se sentem fascinados de alguma maneira por ela. Querendo mostrar que não estava fascinado por sua imagem Joaquim Góis, paradoxalmente, a reforça na tentativa de desmenti-la. Sobre a aparência de Maria Bonita, Joaquim Góis (GÓIS, Apud, LINS, 1997, p. 58) diz:

E, ao seu lado uma cabocla apagada, rosto de linhas inseguras, olhar vago e fugidio, corpo solto no desalinho e no mal gosto do vestido barato, de chita ordinária, marcado de cores berrantes, costurado a moda de como costuram as mulheres de fim de rua das cidades pequenas. Pés grandes, esparramados, dentro de suas sandálias

¹⁶ Até hoje não se chegou a um consenso de como tenha surgido o nome Maria Bonita, sabe-se pelos testemunhos dos ex-cangaceiros que a mulher de Lampião não era tratada por esse nome dentro do grupo.

grosseiras, e rosto comprido, moles, desbotados; mãos de unhas sujas [...], duas argolas velhas de couro duvidoso caíam-lhe das orelhas [...]; pescoço curto, queixo atrevido, boca carnuda escondendo desejos; lábios corados com uma fruta entreaberta, pedindo carícias; seios bambos, caídos, quadris batidos, pernas fortes, sem a beleza de um sorriso meigo [...] De mulheres vulgares como Maria de Déa, está cheio este *sertão* de meu Deus.

Ao mesmo tempo em que mostra Maria Bonita como uma mulher sem atrativos e sem beleza, Góis atribui a ela anseios corporais, dessa forma ele se apodera do seu corpo, imagina uma boca com desejos escondidos, lábios que pediam carícias. Coloca nessa fala seu próprio imaginário sexual. Essa fala contra Maria Bonita é desacreditada pelos autores analisados nesse trabalho. Todos são categóricos ao afirmar que Joaquim Góis estava tomado de despeito e preconceito. Para desmentir Joaquim Góis, João de Sousa (2010, p. 28) diz que: “As filmagens e fotos realizadas por Benjamin Abraão são registros que comprovam que Maria Bonita não era uma cabocla apagada. Fica fácil em uma análise visual, observar os traços do rosto, a perfeição dos lábios, os contornos da perna”. Sobre os autores que como Joaquim Góis falaram das mulheres cangaceiras e de Maria Bonita de forma desfavorável, Daniel Lins (1997, p. 194) fala:

(...) ao tentar descrever a “sociologia” das mulheres no cangaço, certos autores vão vomitar seus próprios demônios, acordar seus medos infantis, numa narração que confirma um etnocentrismo radical e a fobia à mulher como corpo e sexo perigoso, néctar misturado ao veneno.

Os questionamentos e as expectativas sobre a beleza de Maria Bonita não deixaram de existir nem depois de sua morte. Seu corpo trucidado ficou em Angicos servindo de pasto para os urubus. Porém as cabeças dos cangaceiros transportadas em latas de querosene peregrinaram de cidade em cidade servindo como prova de que o bando de cangaceiros que aterrorizava o Nordeste estava acabado. As pessoas ao verem a cabeça de Maria logo perguntavam olhando suas feições já disformes pela morte: Se era mesmo bonita a Maria Bonita? Gruspan (2006, p.315) nos fala disso ao descrever como os jornalistas narraram a curiosidade que a cabeça de Maria Bonita despertou na população sertaneja. “Paradoxalmente todos os jornalistas insistiram na beleza do rosto de Maria Bonita”.

A mulher de “Lampeão” não foi atingida por nenhuma bala no rosto, conservando uma fisionomia serena, mostrando ter sido, em vida,

um bello typo de cabocla nordestina, com as linhas do rosto perfeito, lábios finos e duros. Bonita ainda depois da morte. Serena sem rictus. E quando o público desfilava deante dos tropheos trágicos, muita gente se emocionou, vendo a cabeça de Maria Bonita, a sertaneja que fizera de Lampeão um heroe a seu modo, seu companheiro de 12 annos de tragédia através o sertão, enfrentando soldados, vencendo a galope as caatingas incendiadas pelos perseguidores. (MELLO, Apud, GRUSPAN, 2006, P. 315)

Depois que as cabeças ganharam estatuto de objeto científico, as elaborações sobre a beleza de Maria atingiram até mesmo os médicos. Gruspan nos diz que depois do desfile macabro das cabeças de Lampeão, Maria Bonita e dos outros nove cangaceiros mortos pela volante do tenente João Bezerra, as cabeças foram ser estudadas no Instituto Médico-Legal de Maceió. Esses estudos tinham a finalidade de analisar a cabeça dos cangaceiros, em busca de estigmas físicos que demonstrassem tendência para a marginalidade em Lampeão e em seus companheiros. Alguns cientistas da época defendiam as teorias do médico italiano Cesare Lombroso, que atribuía à miscigenação a principal causa da criminalidade, dando ao crime um estatuto de doença.

Gruspan diz que o médico Lages Filho foi o primeiro a tomar as medidas das cabeças de Maria e Lampeão. Ao examinar a cabeça de Maria Bonita o médico ficou impressionado com os traços fisionômicos, dizendo que o nome dela não desmentia os traços do seu rosto¹⁷, sobre isso Gruspan (2006, p. 323) faz a seguinte reflexão: “parece, portanto, que Lages Filho não escapou à fascinação prenhe de fantasmas provocadas por Maria Bonita. Aquela que quando viva, pertencia de corpo e alma a Lampeão, pertencia doravante àqueles que a estudavam”.

¹⁷ “A cabeça de Maria Bonita deu entrada às 22 horas do dia 31 de julho de 1938 no Serviço Médico Legal do Estado de Alagoas, em mau estado de conservação, razão por que não foi retirado o encéfalo, já reduzido a uma pasta esbranquiçada e amorpha que se escoava pelo orifício occipital. As partes moles infiltradas não permitira fossem melhor apreciados os traços physionômicos da companheira de Lampeão, os quais, aliás, não pareciam desmentir o apelido que lhe deram” Exame Médico Legal da Cabeça de Maria Bonita executada pelo Dr. José Lages Filho, médico legista. In: LIMA; MARQUES, 2010, p. 49.



Cabeça de Lampião e Maria Bonita

Imagem 2: fotógrafo: desconhecido, foto feita em Aracajú- SE, 1939.

As cabeças de Lampião e Maria Bonita permaneceram no Museu Nina Rodrigues, em Salvador, até 1969, quando finalmente foram sepultadas. Bem antes disso a exposição pública das cabeças, não só as de Maria Bonita e Lampião como também as de outros cangaceiros, entre eles Corisco, estava sendo contestada pelos parentes de Lampião e pelo filho de Corisco e Dadá, o economista Silvio Bulhões, que queriam enterrar os restos mortais de seus parentes. Em 1959, dez anos antes do sepultamento das cabeças de Lampião e Maria Bonita, e vinte um anos após a morte desses em Angicos, a cabeça de Maria Bonita ainda causava aos que tinham acesso a ela curiosidade sobre sua beleza. Segundo Gruspan (2006), o jornalista Severino Barbosa fez uma reportagem denunciando que as peças (as cabeças de Maria Bonita e Lampião) não eram mais estudadas e estavam no museu apenas como parte de uma exposição macabra. Esse mesmo jornalista falou sobre o estado da cabeça de Maria Bonita e comentou que infelizmente não havia encontrado a tão propagada formosura dela:

Observado a cabeça deformada de Maria Bonita, o jornalista constatava com amargor que doravante era impossível descortinar nela qualquer traço de beleza, pois não passava de um “monte de ossos e pele, de uma coisa horrível e irônica em relação ao nome dela. Ninguém consegue vê-la sem demonstrar repugnância” (JASMIN, 2006, p. 338).

2.2. O imaginário da paixão: o amor (imaginado) de Maria Bonita e Lampião.

Muitas são as versões para o encontro de Lampião e a mulher do sapateiro Zé de Neném, versões que estão nos diversos livros sobre o tema do Cangaço e nos cordéis. Muitas também são as indagações sobre essa personagem e sobre o romance que protagonizou junto com Lampião. Segundo Daniel Lins, Maria Bonita é um mito e esse mito é coletivo. Neste sentido ele afirma que: “Ora, a paixão segundo Maria Bonita e Lampião, criada, pensada e vivida por indivíduos como um sonho e como um mito é assumida por uma coletividade que não só veicula o mito, mas se apropria do próprio mito”. (LINS, 1997, p. 56) Por isso, o romance do cangaço passa incólume pelo tempo, despertando atenções, servindo como inspiração para os cordelistas, cantado em prosa e verso, servindo como enredo para filmes, séries de televisão, livros e todo tipo de produtos. Dificilmente, se vê a imagem de Lampião desassociada da de Maria Bonita e vice-versa.

Ao encontrar Maria Déa nos sertões baianos Lampião, como vimos, já estava inserido na vida cangaceira há pelo menos doze anos, mas esse curto período de oito anos foi o que ficou mais marcado na história do cangaço, principalmente pela entrada das mulheres no bando, fato que fez a curiosidade sobre o cangaço e os cangaceiros aumentarem. Dessa forma, o guerreiro, o violento cangaceiro também passou a ser um homem apaixonado. Nos folhetos de feira, Lampião era exaltado como um justiceiro, um homem que entrara no banditismo contra a vontade, vítima do destino que fez dele o vingador de toda a gente sertaneja que não encontrava quem os protegesse. Era esse o Lampião que Maria Déa conhecia e por quem nutria admiração, um homem completamente diferente do seu marido, que na fala dos autores aqui analisados era um simplório sapateiro, que nunca soube nem saberia proporcionar um mundo repleto de encantos e luxos. O poder de Lampião teve poderes afrodisíacos sobre Maria Déa.

Maria Bonita figura como a mais famosa e principal mulher do cangaço, teve apenas em Dadá outra cangaceira tão conhecida. “Maria Bonita é talvez, com Dadá, a mulher de Corisco, a personagem feminina mais emblemática do cangaço” (GRUSPAN-JASMIN, 2006, p.121). Por ter sido mulher de um cangaceiro muito afamado, o olhar dos outros, dos jornalistas, dos policiais volantes e dos poetas

populares a teriam colocado no lugar de Rainha do Cangaço, pois para ser rainha foi necessário ser escolhida por um rei. Rei cego, violento, cangaceiro, rei de uma terra pobre, isolada e causticante, mas não menos rei. Pelo poder da força conseguiu amealhar alguns súditos para seu reino. Assim, Araújo (2012) fala sobre Maria Bonita.

Foi sem dúvida, a figura mais conhecida, comentada, divulgada, valorizada, adulada e elogiada, dentre todas aquelas mulheres que viviam com cangaceiros.

O fato de ser amante do chefe supremo dava-lhe tal privilégio.

Não se destacava das outras por nenhum atributo físico em particular, e nem por algum sentimento humano superior que pudesse lhe dar uma aura de bondade acima da média de companheiros e companheiras (ARAÚJO, 2012, p. 162).

Os motivos que levaram uma mulher a deixar uma vida de relativa segurança (já que o sertão não oferecia a verdadeira segurança, sempre exposto a violência e a seca), para entrar numa situação de insegurança total, sendo perseguida por governos de diversos Estados, por inimigos que ela mal conhecia, inimigos que tinham homens recebendo soldo no principal intuito de vencer o grupo do homem com o qual compartilharia a vida causou estranhamento em todos que ouviram sua história. Maria Bonita entrou numa luta de ódios, levou a paixão, o sexo e algo parecido com um casamento para dentro da caatinga. Para Gruspan (2006) o amor de Maria por Lampião não surge através do homem e sim da vida que aquele homem poderia lhe proporcionar. Para ter liberdade, Maria Déa teria que participar da violência.

Por amor a Lampião, mas também, segundo alguns, pelo gosto de uma vida livre e venturosa, Maria Bonita não hesitou em abandonar sua terra, seu marido e sua família para viver ao lado do homem que escolhera (GRUSPAN JASMIM, 2006, p. 125).

Nestes termos, a paixão de Maria Bonita e Lampião tomou dimensão heróica pela mão dos cordelistas e dos estudiosos do cangaço. Os autores sempre dão ao sentimento de Maria Bonita por Lampião e dele por ela um caráter de algo irresistível e inexorável. Segundo alguns autores, entre eles Daniel Lins, Lampião tentou resistir aos encantos da moça da Malhada da Caiçara. Para esse autor, Maria Bonita deu a Lampião um novo sentido para sua vida. Lampião vivia em uma estrutura violenta, não sabia nada sobre o amor, disso nasceu seu sofrimento ao se apaixonar por Maria. Ao apaixonar-se Lampião elegeu o amor como prioridade. Seus “mininos”, os cangaceiros subordinados a ele e a luta que empreendiam não eram mais as únicas preocupações de

Lampião. E isso o fazia sofrer, apaixonar-se poderia enfraquecê-lo, enfraquecer seu grupo, até mesmo acabar seu bando. Sobre isso Lins (1997, p.37) relata: “Durante um ano Lampião se “escondeu” de Maria Bonita. Ele não queria “ofender” seus companheiros, nem “trair” sua confiança”. Como vimos, a entrada de mulheres nos bandos era algo cercado de tabus e preconceitos. Ao decidir levar Maria Bonita Lampião quebrava uma estrutura que até aí só havia aceitado os homens.

O amor de Maria Bonita também é justificado por conta de sua insatisfação no casamento com seu primo Zé de Neném, que aparece nas narrativas sempre como um homem inferior frente a Lampião, guerreiro poderoso. Já Zé de Neném figura como homem que aceitava os caprichos da mulher. Assim, ao enfraquecer a personalidade de Zé de Neném os autores legitimam a escolha de Maria Bonita por Lampião. Portanto, Maria Bonita ao deixar Zé de Neném por Lampião estava governada pelo sentimento da paixão e do amor. Essa é a versão do imaginário que elegeu o encantamento entre os dois como principal motivador da quebra de regras tanto da parte de Maria como da parte de Lampião. O mesmo autor que traz a tona a suposta traição de Maria Bonita a Zé de Neném (antes de conhecer Lampião) tenta reabilitá-la quando diz:

Não se pode negar que a Maria Bonita de Lampião não era a Maria Déa da Malhada da Caiçara, não era a Maria de Zé de Neném, não era a amante de João Maria. Agora devotada e completamente voltada para o amor de seu homem. Maria se tornou a extraordinária amiga, a grande companheira, a mulher que guardava o mais absoluto respeito pelo seu amante. Ficou provado que esta atitude da baianinha de Santa Brígida, não foi gerada pelo medo ou pela fama do grande cangaceiro e sim pelo amor, pelo carinho e pelo respeito que sempre lhe dedicou (COSTA, 2011, p.126).

Com a entrada no cangaço Maria deixa de ser a mocinha frívola, a esposa adúltera e passa a ser a amante companheira, confidente, dona do destino de seu homem, mulher merecedora do título de Rainha do Cangaço. Além de fazer Maria Déa renascer sob a figura apaixonada e respeitável de Maria Bonita, o autor dá uma dimensão heróica ao amor dos dois, uma parceria pautada na confiança, pois um homem que vivia escondendo-se dos inimigos, não poderia confiar sua vida a uma mulher como a antiga Maria Déa, agora renascida no cangaço como Maria Bonita. Para Mello (2012) Maria Bonita era uma parte do corpo de Lampião, ajudando-o com o peso da própria vida e das cargas que levavam:

Como poderia ainda o Rei do Cangaço, por cima de tudo, quanto vimos, honrar o lastro-ouro de sua fazenda real, da ordem de 5kg, costurado ou cravado por todo o equipamento, o restante jazendo nos bornais – correntes, anéis, moedas, lapiseiras, tabaqueiras, tesoura de aparar charuto, relógio de algibeira, botões de punho e de colarinho, cacos de jóias, tudo no metal nobre, embora em quilates variados – **sem se valer do concurso confiável e da resistência jovem de Maria Bonita, a um tempo mulher e escudeira exemplar de seu homem?** (MELLO, 2012, p. 146, grifo nosso)

Ela era a única pessoa no bando que poderia dominar Lampião, pois com sua meiguice adoçava-lhe o espírito combativo. Assim, a bela Maria acalmava o valente Lampião: Suas palavras e jeito doce eram cheios de ternura. “E, passando as mãos pelos seus cabelos, alisava-os carinhosamente, pedindo calma” (COSTA, 2011, p.126).

Dessa forma o autor define o papel feminino e masculino. A mulher doce, incapaz do arrebatamento da violência, com sua calma e talento para a paz conseguia pelo amor controlar os instintos violentos dos homens, sempre prontos para a guerra, mas também prontos para se deixarem seduzir pelos encantos femininos. Essa vocação amorosa das mulheres que encontrou expressão em Maria Bonita é descrita pelo autor quando ele diz: “Foi Maria Bonita, sem dúvida, o maior símbolo do amor e dedicação em toda a história cangaceira.” (Costa, 2011, p. 126).

Sobre o encontro de Maria e Lampião recolhemos também a versão do livro de Nascimento (1998), em que ele atribui a Lampião a iniciativa em conquistar Maria Bonita. Esse fato imaginado por ele reforça mais uma vez a extrema beleza de Maria, beleza que para esse autor foi o fator que fez Lampião se apaixonar. Ele diz que um dia Lampião encontrou Maria na casa de Dona Déa e a partir disso lhe convidou para integrar o cangaço. Diferentemente de Daniel Lins que fala do sofrimento de Lampião e no seu receio em levar Maria Bonita, Nascimento coloca nesse ato de Lampião a rapidez de decisão de um homem acostumado a mandar, a desejar e possuir. Assim é narrado o encontro entre Lampião e Maria:

Lampião fitou de cima a baixo a recém-chegada e petrificou-se ante a beleza da filha da coiteira. O coração palpitou angustiado. Teve um frenesi. Delirante e flechado por Cupido, explodiu:
- Vige Maria!!! Santa Mãe do Céu! Valei-me Nossa Senhora, qui muié bunita da peste!
- Que é isso, capitão? – balbuciou encabulada a sertaneja.
- Quero que a sinhora vá cumigo pras caatinga.
- Num posso, não... e meu marido?

- A gente dá um jeito nele, após o lugar adonde eu chego, processo, prendo e crimino. Batizo, caso e confesso. Eu ferro, eu capô e assino – finalizou às gargalhadas.
- Oxente, capitão! Deixe o home em paz – suplicou Maria. (NASCIMENTO, 1998, p. 191)

Outra versão que recolhemos é a de Castro (2009), obra ficcional que retrata a vida de Lampião sendo ele mesmo o narrador. O encontro de Lampião e Maria Bonita também é explicado pelo prisma do apaixonamento imediato de Lampião pela beleza de Maria. Nessa versão o cangaceiro Luis Pedro aparece como o cupido, avisando a Lampião que “tem uma morena bonita, que se interessou pelo Rei do Cangaço”. (CASTRO, 2009, p. 94) O Capitão Virgulino se envaideceu com o comentário de Luis Pedro e foi conhecer a moça a quem havia causado uma tão boa impressão. Segundo essa versão Lampião e Maria passaram algum tempo em um jogo amoroso, de olhares, palavras trocadas, lenços para serem bordados. Quando decidiu levar Maria Déa, Lampião lembrou-se de Padre Cícero e de Sinhô Pereira. O primeiro dizia que mulher trazia desavença, o outro que mulher enfraquecia, desvirtuava. Embasado pelas escrituras sagradas exemplificou o mal que uma mulher poderia causar a um guerreiro, para isso citou a história de Sansão e Dalila, que com sua beleza plantou em Sansão o amor que o destruiu. Padre Cícero assim profetizou: “Ele com mulher no bando será como Sansão com o cabelo cortado”. (CASTRO, 2009, p. 96)

Souza (2001) relata quais foram os motivos que fizeram Lampião levar para o cangaço uma mulher. Novamente o autor relembra que Padre Cícero e Sinhô Pereira são contrários ao ato de Lampião que ao escolher Maria Bonita estava indo até contra as palavras de Deus, pois “segundo as escrituras sagradas, a mulher é a verdadeira perdição do homem” e para justificar o poder de Maria Bonita sobre Lampião ele diz “A feminilidade de Maria Bonita foi mais forte que os conselhos do Patriarca do Juazeiro Padre Cícero Romão Batista”. (SOUZA, 2001, p.111) Ao falar em feminilidade o autor aponta um aspecto que vai além da beleza, traz um traço de personalidade que é muito presente no imaginário sobre as mulheres cangaceiras. Elas são imaginadas como mulheres mais amorosas, prontas para se sacrificarem pelos seus homens. Até mesmo Sila, que contou em diversos livros que foi raptada por Zé Sereno, é assim retratada no livro *Lampião Comandante das Caatingas*:

Mas mesmo assim, tivemos aquelas que emprestaram sua coragem e força para dar maior beleza a história, como por exemplo, Sila, que

aos treze anos deixou toda a família para trás e foi viver com seu grande amor, o cangaceiro Zé Sereno, nas brechas do sertão, sem lugar para chegar. (SOUZA, p. 112 -113)

Fazendo dessas mulheres pessoas que se sacrificaram pelo amor, os autores justificam a entrada delas no grupo, dando-lhes dignidade, elogiando sua conduta ao reafirmar que saíram de uma vida pacata pra viver com bandidos não para participar da violência como criminosas e sim amarem plenamente seus homens. Assim negam-lhe o desejo de entrarem no cangaço, a vontade de mudarem de vida e mesmo a rebeldia, para explicar essas relações pelo viés do romantismo feminino, que tudo sacrifica pelo amor.

Não são discutidas nesse trabalho a veracidade dessas versões, são discutidas pelos símbolos que apresentam, pelo que falam das elaborações formuladas sobre o cangaço, especialmente sobre a figura de Maria Bonita.

No próximo capítulo veremos com Lampião e Maria Bonita foram representados na literatura de cordel. E como o cordel foi/ é um importante instrumento para a propagação das histórias vividas no cangaço.

CAPÍTULO 3: O CORDEL COMO APOLOGIA AO CANGAÇO

O cordel tem suas raízes na literatura praticada na Península Ibérica por volta do século XVI. Segundo o cordelista e presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel¹⁸, Gonçalo Ferreira da Silva, no livro *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel* (2008), a cidade de Salvador foi a primeira a receber a cultura do cordel. Ele explica isso ao dizer que Salvador por ser a primeira capital do Brasil era a cidade onde todas as culturas se encontravam. De Salvador o cordel foi irradiado até o Maranhão. A divisão da categoria dos folhetos era feita em função da quantidade de páginas dos livretos. Os que fossem compostos de 32 páginas eram as histórias, os romances eram compostos por 16 a 24 páginas e os de 8 páginas eram chamados de folhetos. A literatura de cordel tem em sua base primordial a oralidade, pois antes de existirem tipografias que imprimiam os folhetos, os temas do cordel eram tratados pelos repentistas, que cantavam as histórias, criando os versos de improviso.

Quando os cordéis passaram a ser impressos, várias regras para a sua produção foram impostas, a partir disso, apenas pessoas alfabetizadas ficariam responsáveis pela sua publicação. Segundo Melo (2010), até 1808 era proibido imprimir qualquer tipo de livro ou jornal no Brasil e os versos de cordel eram repassados oralmente, valendo-se da memória e muitas vezes modificando-se ao passar de pessoa para pessoa. Para Silva (2008, p. 15) o paraibano Leandro Gomes de Barros foi “o primeiro autor a produzir e publicar folhetos e romances em escala comercial”.

Os temas tratados na literatura de cordel são variados, os cordelistas partem de sua própria vivência para escrever os versos, que muitas vezes tratam de acontecimentos políticos, crimes cotidianos, histórias de amor. Segundo o pesquisador Mark Curran (2003) o primeiro grande acontecimento histórico descrito pelo cordel foi a guerra de Canudos. Isso se deu pela própria guerra acontecer em território nordestino e também por causar grande curiosidade na população. Para Curran, o cordel era o jornal do povo, pois era um dos poucos meios de informação de quem vivia em cidades que não eram contempladas com periódicos.

¹⁸ A Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi fundada em 1988. A ABLC está instalada na cidade do Rio de Janeiro. O site da ABLC é www.abcl.com.br

São incontáveis os cordéis que falam do cangaço, pois este é um dos temas mais recorrentes nos cordéis. Antônio Silvino, Sinhô Pereira, Jesuino Brilhante foram cantados em versos. Suas proezas, valentias foram valorizadas pelos cordelistas que davam à vida de aventuras desses homens o sabor da anedota, do inusitado e do heróico. Esse tipo de escrita sobre o cangaço também reflete a preocupação e o interesse das pessoas pelos cangaceiros, pois caso o cangaço fosse um tema que não encontrasse eco na população ele não seria tratado por tantos cordelistas. Curran (2003, p. 60) refere-se a isso ressaltando que:

Como cronista popular da realidade brasileira, Leandro Gomes de Barros e seus colegas de cordel não podiam deixar de registrar e comentar o cangaço, que, por sua inigualável relevância para a vida do Nordeste compõe um dos ciclos temáticos mais importantes da literatura de cordel.

Segundo Albuquerque Jr. (2011), em 1940, com a morte de Corisco, houve uma tentativa da parte do governo Vargas de silenciar a história do cangaço. Os jornais se furtavam a dar notícias sobre os cangaceiros, o silêncio era premeditado na tentativa de fazer os homens e mulheres que viveram no cangaço serem pouco a pouco esquecidos. O que contribuiu para que o cangaço não fosse esquecido foram os cordéis, que não podiam ser controlados, que sobreviviam à censura imposta pelo governo. “Estes homens permanecem vivos, no entanto, na memória popular, nas produções culturais populares. O cangaceiro se torna um mito, no momento em que deixa de fazer história”. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 230)

Com a morte dos cangaceiros, seus crimes foram esquecidos, a violência que cometeram foram silenciadas. Não apareciam mais nos jornais tendo seus crimes enumerados. Apareciam fortes, lutando por justiça, vingando a família ofendida, massacrados, românticos, surgiam heróis representados na literatura de cordel.

Lampião foi o cangaceiro mais retratado na literatura de cordel, sua motivação para a entrada no cangaço, seus feitos na luta cangaceira, os combates que empreendeu e principalmente a história de amor protagonizada junto a Maria Bonita foram escritos por cordelistas que imprimiram à vida de Lampião olhares diversos, inventando assim um mito nordestino. “A literatura de cordel ao conceber a imagem de Lampião e ao pontuar sua carreira o inventou. Ao inventá-lo, ela fez dele um indivíduo produtor e produto da cultura e da subjetividade”. (LINS, 1997, p. 192)

A produção da literatura de cordel sobre Lampião não cessou com sua morte, a partir disso ela tomou novos contornos. Surgem histórias mirabolantes sobre Lampião e Maria Bonita e os outros cangaceiros mais famosos do bando. Assim Lampião foi ao inferno, encontrou Patativa do Assaré no portão do céu, debateu com o Padre Cícero, se candidatou a presidência da República, só para citar algumas das estripulias feitas por ele na literatura de cordel.¹⁹ Dessa forma, percebemos que os cangaceiros se tornaram personagens imortais, que nos cordéis tinham o poder de dialogar com o presente, entrar no céu ou no inferno quantas vezes quisessem, encontrar-se com outros personagens significativos para a vida nordestina. Lampião e os outros cangaceiros são transfigurados em mitos pela literatura popular:

O capítulo do cordel sobre os cangaceiros mais famosos não se encerraram com sua morte e com os eventos contemporâneos a Angicos. Os cinquenta anos seguintes trarão ainda muitas histórias novas – algumas baseadas nos velhos folhetos e até certo ponto, na realidade histórica, outras totalmente ficcionais, ampliando o mito do cangaço. (CURRAN, 2003, p. 75)

Os cordelistas contemporâneos de Lampião viviam no campo de operações em que os cangaceiros movimentavam-se, escutavam as histórias protagonizadas pelos cangaceiros e por suas vítimas, o sertão era um lugar conhecido, próximo. O cangaço para eles não assumia o aspecto apenas da violência irracional de homens taxados pelo o Estado, como anormais, facínoras. Visto a luz de uma ciência pautada em teorias discriminatórias, atribuíam aos atos do cangaceiro a simples explicação genética, como a teoria lombrosiana. Para esses poetas dos versos populares, o cangaço aparecia como mais uma faceta da violência do homem nordestino. Albuquerque Junior (1999) ao falar do cordel reflete como essa escrita está intrinsecamente ligada a violência. O discurso do cordel elege jagunços, assassinos, capangas como representantes de valentia e de masculinidade, símbolos de um Nordeste insubmisso. Assim, o autor nos fala que no território do cordel a violência é praticada no discurso, o homem nordestino que muitas

¹⁹ Referimo-nos aos folhetos de cordel: *A chegada de Lampião ao inferno*, de José Pacheco, editado pela Editora Queima Bucha em Mossoró, Rio Grande do Norte, 2008; *O encontro de Lampião, Luiz Gonzaga e Patativa no portão do céu e a chegada de Lampião no inferno*, de José Peron, s/l s/d; *Lampião e Padre Cícero num debate inteligente*, de Moreira de Acopiara, editado pela Editora Luzeiro em São Paulo, São Paulo, 2004; e *A candidatura de Lampião para presidente da República*, de Vicente Campos Filho, s/l. s/d.

vezes pobre, carente de recursos encontrava uma diferenciação do seu lugar social a partir da valentia. Portanto,

É a partir desse ponto de vista que a história do Nordeste é escrita pelo cordel. Uma história sanguinolenta em que se defrontam coronéis e cangaceiros; bandidos e valentões; cabras machos e cabras safados; defensores dos injustiçados, dos fracos e tarados; estupradores; potentados assassinos e ricos ladrões; e prepotentes. (ALBUQUERQUE JR., 1999, 117-178)

O cordelista criava uma história quando procurava as especificidades de cada criminoso. Assim, ficcionalizava uma história para Lampião, outra para Antônio Silvino, uma para Jesuino Brilhante. Ao inventar essas histórias vão dando vida e identidade a pessoas que fora do território do cordel eram representadas como seres desviantes, socialmente inadaptados ao mundo, pessoas selvagens que precisavam ser extintas para que o sertão se libertasse de todas as suas mazelas. Os cordelistas assim produzem sentidos a partir de suas próprias vivências. Deixam os termos jurídicos e científicos para fazerem nos seus versos rimados, nas suas setilhas²⁰ ou nas suas décimas²¹ a escrita que formula uma construção identitária do povo sertanejo. A propósito, Araújo (2007, p. 73) faz a seguinte reflexão.

Ao fazer sua leitura de mundo, o poeta popular traduz, no território do cordel, a sua compreensão e interpretação do mundo e das pessoas, das relações sociais e culturais, dos conflitos, das tensões e de todo um conjunto de práticas que são produzidas através das ações humanas. Desse modo, o cordel pode ser compreendido como território de construção de saberes, cultura e identidade. Isso porque tanto o cordel quanto o mundo social que nos folhetos é materializado são territórios por onde transitam diversos saberes.

Muitos saberes formulados sobre o cangaço bebem na fonte da literatura de cordel. As mulheres cangaceiras aparecem como guerreiras em alguns livros não ficcionais e, mesmo em textos acadêmicos, as informações retiradas do cordel ganham um estatuto de verdade. Por mais que o cordel tenha contribuído com informações sobre o cangaço ele não tem preocupação com a verdade histórica e nem deveria ter, pois a literatura de cordel é uma criação artística e sua preocupação é com a imaginação, com o entretenimento.

²⁰ Setilhas são estrofes de sete versos de sete sílabas.

²¹ Décimas são estrofes de dez versos de sete sílabas.

O cordel usa uma linguagem artística em versos rimados e ritmados e trabalha com elementos como o heroísmo, a religiosidade sertaneja, que são presença muito forte na vida dos sertanejos, pois um folheto podia ser lido por uma única pessoa e transmitido a muitas outras através da recitação e da leitura dos versos. “Essa característica da literatura de folhetos – a leitura coletiva em voz alta – contrapõe-se a outras formas de expressão literária e de escritos em que o texto fruía solitariamente e em silêncio” (MELO, 2010, p. 59). Então o conhecimento do cordel não ficava restrito somente a pessoas letradas, diferentemente da literatura erudita e dos textos jornalísticos, os cordéis eram consumidos pelas pessoas mais humildes. Portanto,

Em um país como o Brasil e – mais ainda – numa região como o Nordeste, onde mais da metade da população é analfabeta, compreende-se a integração do folheto de cordel ao corpo, aos sentimentos e a alma nordestina, sobretudo nos tempos do cangaço (LINS, 1997, p. 192)

Dessa integração do cordel com a população nordestina é que o cangaço e os personagens que o compõem, principalmente os mais famosos, como Lampião e Maria Bonita, foram tantas vezes escritos em versos, talhados na madeira em xilogravuras para que fossem dadas ao cordel as imagens iconográficas. Essa escrita sobre Maria Bonita e Lampião é o que discutiremos a seguir.

3.1. Maria Bonita: o mito construído no cordel

As mulheres cangaceiras, especificamente Maria Bonita, também foram muitas vezes descritas no cordel, mas segundo Araújo (2012) Maria Bonita foi a primeira e única cangaceira a ser contemplada com um cordel que falasse exclusivamente dela. Antes de analisarmos esse cordel que trata só de Maria Bonita veremos como sua entrada no cangaço é narrada pelo aspecto de que a mulher cangaceira dirimiou as brutalidades cometidas pelos cangaceiros.

No cordel *As mulheres cangaceiras humanizaram o cangaço*, o cordelista Kydelmir Dantas, ligado a SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço), trata de como as mulheres foram inseridas no bando de Lampião.

Antes de falar nas mulheres cangaceiras, Dantas faz um resgate dos cangaceiros famosos que antecederam Lampião. Vai às origens do cangaço e traz no seu cordel as figuras dos mais importantes cangaceiros do sertão, dando-lhes coragem e força em demasia. Assim, desfilam nas páginas do referido cordel o cangaceiro Cabeleira²², Lucas da Feira²³, Sinhô Pereira, Jesuino Brilhante, Antônio Silvino e, por último, o próprio Lampião.

Ao falar em Lampião, Dantas conta nos seus versos todos os caminhos percorridos por ele no cangaço, heroiciza seu ato de entrar no cangaço para vingar a morte do pai. Depois de apresentar Lampião, ele entra no tema proposto e fala sobre a incorporação de Maria Bonita no cangaço:

Diferente de outros chefes,
Daquela gente ferina,
Que não queriam nos grupos
A presença feminina,
Surgiu a MARIA DÉA
Quebrando toda a rotina
(DANTAS, 2010, p. 5)

Ao falar em Maria Bonita, Dantas apresenta-lhe como mulher valente, mas que não perdia sua feminilidade. O poeta descreve a pele morena de Maria Bonita recorrendo à imagem da chita, tecido belo, mas que remete a simplicidade e ao sertão. Basta uma única estrofe para descrever a beleza de Maria, “a rainha do cangaço”.

Uma morena formosa,
Com os olhos de catita,
Independente e valente,
Sedosa igual uma chita,
A Rainha do Cangaço
Foi a MARIA BONITA.
(DANTAS, 2010, P. 5)

²² Segundo a historiografia do cangaço Cabeleira foi o primeiro cangaceiro. Seu nome era José Gomes, teria aterrorizado a região de Pernambuco sua terra de origem em meados do século XVIII. Sua história foi retratada no livro *O Cabeleira*, de Franklin Távora, que colheu elementos verídicos da vida de José Gomes e os agregou a fatos ficcionais para escrever um romance essencialmente regionalista.

²³ Lucas da Feira foi um cangaceiro que operou primordialmente na cidade de Feira de Santana (daí seu nome) na primeira metade do século XIX. Lucas era escravo, e isso é um traço que o diferencia dos demais cangaceiros. Foi condenado a morte por enforcamento.

Depois de falar da entrada de Maria Bonita no cangaço e de caracterizá-la, Dantas apresenta a forma como as mulheres modificaram o mundo violento dos cangaceiros e de como a presença feminina no cangaço foi benéfica para os sertanejos, pois, segundo ele, a partir de então o cangaço ficou menos violento. Com isso o autor delimita a mulher como um ser bom, justo, que com sua docilidade protegia os pobres sertanejos da crueldade dos cangaceiros.

A presença feminina
O cangaço humanizou.
A mulher por ser mais fina,
Logo ele transformou,
Ficando menos sangrento
E muitas vidas poupou.
(DANTAS, 2010, p. 6)

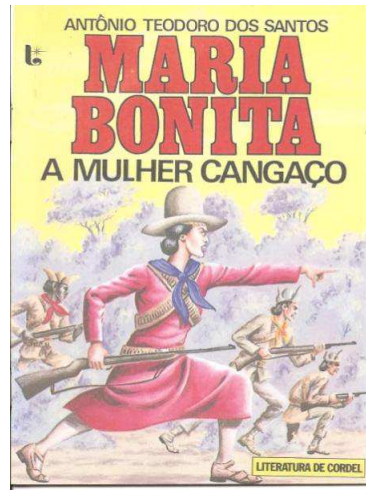


Imagem 3: Capa do Cordel **Maria Bonita a Mulher Cangaço**.

No cordel mais famoso sobre Maria Bonita, escrito por Antônio Teodoro dos Santos, ela aparece como *Maria Bonita a mulher cangaço*, 1986. Dessa forma, sem artigo ou complemento, Maria Bonita é pensada por ele integrada ao cangaço. Na capa do cordel, que não é uma xilogravura e sim um desenho, Maria Bonita aparece comandando um grupo de cangaceiros. De lenço azul no pescoço, ela decididamente aponta uma direção para os cangaceiros, porta uma arma longa, armamento de combate, que não era usada pelas cangaceiras. Mesmo com a arma na mão e a decisão da ação Maria Bonita aparece vaidosa, o vestido rosa bem cortado, as pernas a mostra, o cabelo

preso num coque baixo e a boca pintada de vermelho remetem a uma vaidade muito presente nas elaborações sobre a mulher cangaçeira. A mulher cangaço é representada valente e bela na capa do cordel. Escolhemos trabalhar com esse cordel pela sua importância e por ser o único a tratar somente de Maria Bonita.

Exaltada teve a rainha do cangaço seu nome citado, versado, rimado, cantado em vários livretos, mas o de Antônio Teodoro dos Santos, que leva por título “Maria Bonita, a mulher cangaço”, impresso em 1963 pela Editora Prelúdio LTDA., é o primeiro e único a falar só dessa cangaçeira. (ARAÚJO, 2012, p.189)

Antes de contar a história de Maria Bonita, Antônio Teodoro dos Santos faz um apanhado sobre as heroínas brasileiras, mulheres fortes, que segundo ele são da mesma cepa de Maria Bonita. São elas Anita Garibaldi, que por amor a Giuseppe Garibaldi deixou o marido e o próprio país para combater juntamente com ele nas lutas pela Unificação Italiana, além de Ana Neri²⁴ e Maria Quitéria²⁵. Mostra a força da mulher brasileira, terra que já havia dado tantos heróis homens, também abria espaço para o heroísmo feminino.

O Brasil é uma nação
Que já tem dado homem forte,
Desde o nascente ao poente,
Também desde o sul ao norte
Para cumprir seu mister
Tem também dado mulher
Que trouxe essa mesma sorte.
(SANTOS, 1986, p. 5)

Maria Bonita é mostrada aí como uma mulher forte, valente. Essa valentia não era uma característica adquirida depois de sua entrada no cangaço, ao contrário, para o autor ela só foi escolhida para viver com Lampião por possuir a coragem como característica nata. Ainda pequena era valente, geniosa, predestinada para mudar os rumos de sua própria história, sendo a precursora das mulheres cangaçadeiras. Assim o autor se refere a essa predestinação:

²⁴ Ana Nery foi pioneira da enfermagem no Brasil. Foi enfermeira militar na Guerra do Paraguai (1864-1870), conflito travado entre o Paraguai e a Tríplice Aliança formada entre o Brasil Imperial, o Uruguai, e a Argentina.

²⁵ Maria Quitéria foi a primeira mulher a participar como soldado de um confronto armado no Brasil. Para lutar na Guerra da Independência ela se disfarçou de homem e se alistou como soldado Medeiros em um Regimento de Infantaria.

Como que veio marcada
Por um poder diferente,
Desde muito pequenina
Tinha o gênio muito quente;
Atrás da bonita imagem
Ela escondia a coragem
Que enganou a muita gente.
(SANTOS, 1986, p. 5)

Além da coragem, o cordelista vê o nome dela como símbolo de um destino de glórias e sofrimentos, pois para ele o nome Maria é carregado de significados, nos remete a mãe de Jesus para fazer uma comparação com sua heroína:

O nome Maria traz
Uma magia de glória,
De luta, de sofrimento,
De derrota, de vitória,
Como a que nos trouxe a luz
Que como mãe de Jesus,
Passou da vida à História.
(SANTOS, 1986, p. 6)

O cordelista continua nos contando a vida de Maria Déa, antes de se transformar em Maria Bonita. A menina sertaneja gostava de brincar assim como todas as crianças, a única diferença é que suas brincadeiras divergiam das brincadeiras infantis femininas. Segundo o autor, ela gostava de se divertir com armas, cavalos, esquecendo-se das bonecas, ou das brincadeiras de casinha, preferia sonhar aventuras violentas para uma menina. Cresceu assim sem sentir medo de nada, tanto que chegou até a disputar vaquejada, pois sabia domar todo tipo de animal. Ao acrescentar características masculinas a Maria Bonita, ele procura dar uma explicação para sua atitude de sair de casa e entrar no mundo do cangaço, uma vez que lidar com os animais, correr vaquejada é uma característica muito forte atribuída ao homem sertanejo. Ao atribuir esse feito a Maria Bonita é reforçado mais uma vez o lugar de diferença dela frente às outras mulheres do seu tempo e lugar.

Pois quando avançava que
Pegava um boi pelo rabo
Que o enrolava na mão,
Mesmo sendo um bicho brabo,
Ela dava um safanão

E o derrubava no chão
Depois gritava: - Eta diabo!
(SANTOS, 1986, p. 8)

Mesmo sendo uma moça tão diferente, Maria Déa tinha o desejo de casar, mas não encontrava pretendente por ser arisca, difícil de domar. Assim ficou algum tempo esperando o pretendente que fosse um homem forte, com um gênio parecido com o dela. Ao apresentar Maria como uma mulher que necessitava de um marido, o autor nos apresenta uma mulher forte, mas que se enfraquecia ao desejar tão ardentemente um homem para casar, e nisso ela se assemelhava as outras mulheres. Assim, quando deixou-se levar por um rapaz que apareceu, ela não o escolheu por amor, mas sim por necessidade. O autor descreve o enamoramento de José de Neném por Maria Déa, as cartas lidas, recebidas e beijadas pela donzela, numa antecipação de gozos futuros. O namoro prosseguiu por meio de cartas, até que José pediu a mão de sua amada em casamento. O casamento se realizou com muita festa e alegria, depois uma morada simples abrigou a paixão dos dois. Enquanto estavam apaixonados tudo correu as mil maravilhas, até que, com o fim da paixão, a realidade pode ser percebida por Maria.

Mas depois que se apagou
O fogo da excitação,
Também foram evaporados
Os vapores da paixão;
Maria viu na verdade
A luz da realidade
No véu da decepção.
(SANTOS, 1986, p. 12)

Nesse contexto, a realidade representada pelo cordel apresenta a Maria Déa que tinha casado com um homem simplório, que passava os dias a consertar sapatos, o tempo inteiro dentro de casa, tirando a paz de Maria com seu cheiro de cola, suas mãos sujas, calejadas pelo trabalho. Além de tudo isso, Maria, valente que era, percebeu em seu marido um medroso e fraco, que tinha se casado com ela não para viverem aventuras, se divertirem como marido e mulher e sim para que ela repetisse o mesmo papel de sua mãe, viver recolhida, rainha de uma prisão, que para ela era o lar. Um dia, depois de uma discussão, José disse a Maria.

Preciso de uma mulher

Para cozinhar feijão,
Varrer casa, lavar pratos,
Com toda a satisfação,
Ter filhos e trabalhar –
Ser a rainha do lar -
Sem fazer reclamação

Maria não se sujeitando as imposições do seu marido responde:

Maria disse: - José,
Sua opinião não me agrava,
Veio-me um gosto de sangue
Na boca que chega trava;
Assim, para o teu mister,
Não queres uma mulher,
Porém uma pobre escrava
(SANTOS, 1986, p. 13)

Aqui acontece a rebelião de Maria contra toda uma estrutura que impunha as mulheres de seu tempo, o lar e a família como suprema realização feminina. Novamente Maria rompe com tudo que se esperava da mulher, além de ser brava, derrubar boi em vaquejada, ela não aceitava servir a seu homem. Cozinhar, lavar, passar, parir filhos e viver só para cuidar deles parecia pouco para uma moça com uma personalidade diferente e que prenunciava um destino singular.

Outro episódio narrado no cordel é a ida de Maria até a casa de sua mãe para contar toda a frustração que vivia por ter se casado com José. Falou que ele não era homem que lhe governasse a vida, que precisava de um homem forte e destemido e logo falou em Lampião, dizendo que pelas histórias que ouvia pelo sertão esse era o homem certo para domar seu corpo e coração.

É esse o homem, mamãe.
Que no momento procuro;
Pelo que sei é solteiro,
Valente, sincero e duro,
Não tem medo de perigo:
Assim da certo comigo
Na trilha do meu futuro.
(SANTOS, 1986, p. 18)

O destino cuidou de unir Lampião e Maria Bonita e os dois foram viver felizes no cangaço. Antonio Teodoro dos Santos relata como foi a vida dos dois até a morte deles em Angicos. Nos versos a vida dos dois enamorados correu sem

desentendimentos de nenhuma ordem, pois se completavam no seu amor, que mesmo ilegítimo e condenável por boa parte da sociedade era intensamente vivido na caatinga.

Ao entrar para as hostes do cangaço Maria Bonita levou todo o seu destemor. Dessa forma, o cordelista cria combates e frases em que a cangaceira se locupletava com a morte dos inimigos e gabava sua própria pontaria. Atribui a ela agilidade no uso de armas de fogo, superando até mesmo os cangaceiros mais experientes

Maria não tinha medo
De macho, fosse quem fosse;
Quando alvejava um soldado,
Dizia: - Aquele danou-se!
Caiu dentro de um buraco,
Que é o lugar de “macaco” –
Acabou-se o que era doce.

Disparava muito bem
E tinha o dedo ligeiro;
Quando o grupo entrava em luta,
Sempre atirava primeiro:
Com qualquer arma de fogo
Tinha rapidez no jogo
Mais que qualquer cangaceiro
(SANTOS, 1986, p. 25)

Nas últimas estrofes do cordel, Santos narra o confronto em Angicos, onde Maria Bonita e Lampião foram atacados, o bote inesperado, a morte de Lampião e Maria Bonita juntos e abraçados, em um último gesto de carinho e união, prenuncia o fim do cangaço e também o fim do cordel.

Trouxe Maria no sangue
Essa força como um laço
Onde a prendeu ao destino
Dando-lhe o maior espaço,
Orgulhosa pela sorte,
Recebeu na sua morte
Os horrores do cangaço.
(SANTOS, 1986, p. 32)

O autor fazendo um acróstico com o seu nome fecha o cordel mostrando que Maria Bonita pagou um tributo caro pela sua ousadia. Foi escolhida pelo rei do cangaço, mas teve um final terrível. Assim a mulher que viveu o amor ideal e a liberdade da vida cangaceira, no final sentiu os “horrores do cangaço” na sua própria carne. Contudo,

depois de sua morte em Angicos, renasceu mais forte no cordel, transfigurou-se em figura mítica pela valentia e paixão. A paixão de Maria Bonita e Lampião foi cantada de diversas formas no cordel e é isso que veremos a seguir.

3.2. Amor Imortal: Lampião e Maria Bonita o romance do cordel.

O encontro amoroso entre Maria Bonita e Lampião foi muito explorado pelos cordelistas. Nos versos de cordel sobre a vida de Lampião, Maria Bonita está sempre agregada à vida cangaceira, tirando de Lampião o ranço da violência e do banditismo. Maria Bonita entra na rima para fazer do cangaço um espaço amoroso e poético.

Nesse ambiente imaginário e fantástico, os cordelistas e xilógrafos passearam e o imaginário tomou conta dos apaixonados pelas histórias que tinham como personagem principal o cangaceiro-poeta, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião e sua companheira heroína, a Rainha do Cangaço. (p 94)

Para tratar do encontro amoroso entre Lampião e Maria Bonita e suas repercussões escolhemos fazer a análise de dois cordéis: o primeiro deles é *O amor cangaceiro de Maria Bonita e Lampião*, escrito por Vicente Campos Filho; e *Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita*, escrito por Apolônio Alves dos Santos. No primeiro, o cordelista fala sobre o nascimento e a vida de Lampião, quem eram seus pais e como virou cangaceiro. Ao mesmo tempo em que narra a vida de Lampião ele nos apresenta da mesma forma Maria Bonita. Quanto ao encontro dos dois:

Foi Virgulino Ferreira
Da Silva, o Lampião
Flechado pelo cupido
Que atingiu seu coração
Quando viu Maria Bonita
Entregou-se a paixão.
(FILHO, s/d, p. 1)

Desse modo, o autor apresenta dois sertanejos comuns, de origem humilde, que mesmo em caminhos diferentes se uniriam pelo amor. Segundo essa construção o

encontro dos dois se deu depois que alguns cangaceiros encomendaram alpargatas ao marido de Maria Déa, Zé de Neném:

Lampião entrou na casa
Do sapateiro José
Pegou aquela alpargata
Experimentou no pé
Mas ficou observando
Os olhares da mulher

Lampião ficou olhando
E achou ela bonita
E ela com olhar flecheiro
Que qualquer homem se agita
Ficou o tempo inteirinho
Soltando laços de fita

E aquele cangaceiro
Que causou tanto terror
Aos que detinham o poder
Espalhando morte e dor
Não conseguiu resistir
Caiu nos laços do amor.
(FILHO, s/d, p. 03)

Essa versão tira da mãe de Maria a apresentação da filha a Lampião, pois os dois se conhecem sem a interferência de ninguém, se apaixonam e decidem viver juntos, mesmo tendo que enfrentar muitos percalços e quebrar algumas regras. O amor aparece como uma subjugação para Lampião, de modo que ele foi “enlaçado pelo amor”. Dominada pela paixão ela deixaria o marido, algo incomum no Brasil que sob o código penal de 1916 não aceitava o divórcio. Já ele introduziria mulheres no mundo masculino do cangaço. O cordelista enfatiza a história de Lampião pelo viés do cangaceirismo de honra, Maria Bonita já tinha ouvido sua história de homem vingador, que só fazia o mal para reparar a injustiça cometida contra seus pais. E foi a partir dessa imagem de Lampião que Maria Bonita encontrou o homem corajoso que sempre procurou:

Partiu para acompanhar
O homem que admirava
Pela forma de viver
Pela vida que levava
Descobriu que há muitos anos
Com certeza já o amava.

Sempre conheceu a história
Do famoso Virgulino

Que se tornou Lampião
Mudando o seu destino
Depois de ser perseguido
Por um tal Zé Saturnino.
(FILHO, s/d, 04)

Esse discurso legitima o fato de que Maria Bonita já conhecia a vida de crimes de Lampião e que isso até a estimulava a nutrir por ele um amor repleto de admiração pela sua valentia e violência. Dessa forma, “Há uma nítida valorização da violência nas imagens deste discurso do cordel. Em várias situações, o ato de violência individual é legitimado pelo código de moralidade popular, que este discurso veicula (ALBUQUERQUE JR, 1999, 176)”. A partir dessa compreensão, pode-se afirmar que um Lampião perseguido por homens covardes, mas poderosos, revela um discurso recorrente nos cordéis sobre vida dele.

Ao falar de como se deu o conhecimento dos dois o cordelista também descreve como Maria Bonita viveu ao lado de Lampião e as quatro vezes em que engravidou, só conseguindo ter uma filha chamada Expedita, que foi criada por outras pessoas.

À filha de Lampião
Com a Maria Bonita
Os seus pais em concordância
Deram o nome de Expedita
Mas não podiam criá-la
Naquela vida maldita
(FILHO, s/d, p. 06)

Por fim, narra o episódio de Angicos. A traição do coiteiro Pedro de Cândido²⁶, a violência desmedida da volante do tenente João Bezerra, que chegou a decepar a cabeça de Maria Bonita ela ainda estando viva. Com as mortes de Lampião e Maria Bonita o cordelista vê o fim da união do casal mais célebre do cangaço. Angicos foi o último lance de duas vidas. Na última estrofe o poeta formula como as opiniões sobre Lampião e Maria Bonita eram paradoxais para a sociedade, assim nos mostra dois personagens históricos que foram muito julgados durante a vida e também depois da morte.

²⁶ Foi o coiteiro que entregou o lugar em que Lampião estava no dia em ele e Maria Bonita foram mortos.

Muitas vezes justiceiros
Muitas vezes assaltantes
Para uns eram dois bravos
Para outros dois errantes
Mas, um casal destemido
Assim, nunca se viu antes.
(FILHO, s/d, p. 8)

Se para o cordelista Vicente Campos com a morte de Lampião e Maria Bonita a parceria romântica e cangaceira dos dois termina, para o cordelista Apolônio Alves dos Santos a história de amor dos dois não se desfez nem mesmo com a morte. O amor vivido na caatinga apenas muda de lugar, do sertão quente e pedregoso, passa ao purgatório, depois encontrando seu ápice quando *Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita*, título do cordel que iremos analisar. Enquanto o cordel analisado anteriormente termina com a morte dos dois em Angicos, esse começa narrando a morte dos amantes.

No ano de 38
Lampião foi emboscado
No lugar Fazenda Angicos
Foi morto e decapitado
Por uma força volante
No ataque fulminante
Acabou-se o seu reinado

Morreu Maria Bonita
Junta ao rei do Cangaço
As duas almas subiram
Voando para o espaço
Num ciclone inesperado
Lampião subiu pegado
Com Maria pelo braço
(SANTOS, s/d, p. 1)

A morte de Lampião e Maria Bonita aparece como um evento libertador, deixando as lutas cangaceiras os dois esperariam julgamento no purgatório. Percebemos que o cordelista não os absolveu e nem os condenou, deixou os dois purgando seus pecados em uma sala de espera entre o céu e o inferno.

Diz a lenda que os cristãos
Quando aqui termina a vida
Vão viver em outra esfera
Numa área permitida
Até purgarem os pecados
Para irem purificados
Para a mansão concebida

Pois assim ficou ali
Vivendo aquele casal
Se amando com fervor
Na vida espiritual
Felizes se divertiam
Igual quando viviam
Na vida material

O diabo interessado
Na mulher de Virgulino
Chamou logo o “invisível”
E o diabo quengo-fino
Disse: vão na moradia
De Virgulino e Maria
Fazer o que determino
(SANTOS, s/d, p. 2)

Ao narrar o inferno e o purgatório percebemos que o cordelista transpõe para o cordel todo o imaginário religioso sertanejo a esse respeito. Nessas três estrofes vemos essa aura de imortalidade dada a Lampião e Maria Bonita, os dois vivem no purgatório e lá se divertem como quando viviam na terra. A beleza de Maria Bonita e sua vocação para ser escolhida por homens perversos e poderosos também é conservada, pois agora Maria enamorou o chefe do inferno e o diabo entraria em confronto com Lampião para possuí-la. A briga seria feia, pois lutar contra Lampião não era tarefa fácil, nem para o diabo. E, por isso, ele mandou seus sequazes narcotizarem Lampião e Maria Bonita. Aproveitando o sono dos dois o diabo carregou a bem amada de Lampião para o inferno. Lampião ao acordar percebeu que Maria não estava ao seu lado e, ao sentir o cheiro de enxofre, logo vislumbrou onde estaria sua companheira e resolutamente foi buscá-la. Eivado de uma raiva intensa foi atrás da sua amada.

Quando chegou no portão
Do inferno foi gritando
Seu Lúcifer desgraçado
Vá logo se preparando
Com sua fuzilaria
Sem não me entregar Maria
Vou a tudo incendiando.
(SANTOS, s/d, p. 4)

Lampião, guerreiro das caatingas nordestinas, entrou no inferno causando pavor no diabo chefe e no exército de demônios que estavam escondendo Maria Bonita.

O Rei do Cangaço não perdeu sua majestade nem mesmo depois da morte, por amor a Maria Bonita foi ao inferno e saiu de lá vencedor. Sua amada estava escondida em um porão infecto quando ele a encontrou. Maria sentiu-se aliviada ao ver Lampião.

Quando avistou Lampião
Maria soltou um grito!
De alegria, dizendo
Oh! Que momento bendito
Que você veio meu amor,
Me libertar deste horror
Das garras desse maldito

Lampião disse ao diabo:
Por sua intenção maldita
Você é quem vai ficar
Nesta prisão esquisita
Para saber respeitar
E não querer conquistar
Minha Maria Bonita.
(SANTOS, s/d, p. 8)

O discurso do cordel instituiu um amor imortal para Lampião e Maria Bonita, amor este que foi feliz enquanto vivido na caatinga e que permaneceu mesmo depois da morte. O amor dos dois se fortaleceu no imaginário popular. Assim, homens endurecidos pelo sol, pela fome e pelas injustiças, realizaram o sonho de amor de moças solitárias, que atraídas pela coragem desses homens deixavam uma vida comum para se aventurarem no mundo misterioso dos cangaceiros. Depois vieram as crianças, que em mais um exemplo de altruísmo dessas mulheres, foram arrancadas do seu convívio para que não vivessem os sofrimentos e as privações do cangaço.

O cordel, ao contar essas histórias, criou o romance na escrita, elegeu dois protagonistas e “inventou” as imagens e o amor de Maria Bonita e Lampião. Tais imagens, apesar de terem sido elaboradas de modo literário, acabaram contribuindo para a codificação e cristalização de seus enunciados no imaginário popular, ou seja, se configurando como um poder que, ao se instituir, se positiva e gera saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa problematizamos a entrada das mulheres no cangaço, tendo como referência as imagens sobre Maria Bonita e trouxemos a tona imagens de como os cangaceiros, personificados na figura de Lampião, pensavam e se relacionavam com as mulheres. Dessa forma, verificamos que Lampião, ao levar mulheres para o cangaço, motivado pela paixão e pela vontade de viver um relacionamento amoroso, mudou a forma como a sociedade passou a encarar o cangaço e a maneira como o mesmo passou a ser debatido na historiografia.

A inserção de mulheres no cangaço foi feita de várias formas. Algumas mulheres, a exemplo de Maria Bonita, entravam no cangaço de maneira espontânea, outras raptadas, vitimadas pela violência dos cangaceiros. Dentro do cangaço as mulheres passavam a ter uma vivência completamente diferente da que teriam caso tivessem ficado em seus lares, pois, ao entrar na estrutura masculina do cangaço, eram recebidas não como donas de casa, pois não era necessário limpar, cozinhar, nem criar filhos, tampouco era cobrado das mulheres que elas fossem braços armados. Neste sentido, entendemos que a incorporação das mulheres no cangaço não se deu para que estas pudessem servir de forma direta à vida cangaceira, mas, sim, na tentativa, por parte dos cangaceiros, de dirimir a solidão em que viviam.

Chegamos também à conclusão que o pioneirismo de Lampião ao ser o primeiro a levar mulheres para o cangaço foi uma demonstração da sua falta de interesse em deixar a vida cangaceira e, conseqüentemente, da necessidade de depois de mais de doze anos vivendo na caatinga, na companhia dos seus guerreiros, ter uma companheira com quem pudesse compartilhar a vida, ainda que em circunstâncias diversas do culturalmente “normal” para a época.

Sobre as mulheres cangaceiras consideramos que mesmo sendo mostradas, na maioria das vezes (principalmente pela imprensa e por escritores contemporâneos aos fatos), como bandidas e mulheres desqualificadas de sentimentos, suas imagens traziam em si toda a carga de preconceito já existente sobre os seus homens, com o agravante de que, sendo mulheres, esperava-se que não entrassem no mundo da criminalidade. Diante dessa concepção, entrar para o cangaço não era um comportamento “normal” para as

mulheres²⁷, portanto, as que se arvoravam eram vistas como seres desviantes, fora dos padrões das qualidades femininas.

A criminalidade imposta às mulheres cangaceiras ainda era maior do que a dos homens, pois os adjetivos empregados nos jornais davam uma dimensão de grande periculosidade a elas, mesmo com o conhecimento de que, muitas vezes, nem estavam no bando por conta própria e sim vitimadas por alguma violência. Ana Paula Saraiva de Freitas (2005, p.126) mostra, em sua dissertação de mestrado, a forma como o jornal O Estado de São Paulo apresentava aos seus leitores as cangaceiras:

O periódico paulista utiliza os seguintes termos para qualificar as cangaceiras: “bandidas”, “amantes”, “megeras”; “companheira”, “habéis amazonas”, “cruéis”, “destemerosas”. Tais adjetivos acabam generalizando a criminalidade à todas as mulheres, independente do motivo que as impuseram a fileira do banditismo.

Já a literatura de cordel e os estudos sobre o cangaço destinaram à mulher cangaceira papéis bem diferentes dos que foram atribuídos pela imprensa da época. O cordel, por ser uma literatura produzida e consumida pelas classes mais populares, aparece como lócus privilegiado de poder sobre a história dos cangaceiros e cangaceiras, muitas vezes como única fonte sobre o cangaço. Muitas das imagens do senso comum sobre a vida no cangaço são retiradas do cordel. Além disso, é uma fonte importante para a história, pois, segundo Melo (2010, p. 24), “os folhetos constituem uma fonte histórica privilegiada, pois reúnem as linguagens oral, escrita e iconográfica”.

Nos folhetos de cordel, assim como nos livros, a mulher que entrou para o cangaço recebe outros adjetivos; femininas, valentes, leais, apaixonadas. Além desses adjetivos, o destemor que era usado contra elas, já que não ter medo de aventura não era algo bem visto em uma mulher, com o passar do tempo se transformou em algo admirável. Sobre esse imaginário que se impõe às cangaceiras uma aura quase divina, livre de erros, Daniel Lins (1997, p 194.) defende que: “Seus “erros” são muitas vezes perdoados, pois, humanas ou semidivinas, elas integram a lógica do culto ao herói e, mesmo quando são duramente criticadas, o imaginário numa sorte de culto *post-mortem* do “mal”, parece ainda dar-lhe razão”.

²⁷ Mary Del Priore no texto *História das mulheres: as vozes do silêncio* nos diz que Simone de Beauvoir na sua obra *O segundo Sexo*, formulou a seguinte observação: “ Ela dizia, ainda, que uma mulher não nascia mulher, mas tornava-se mulher. Para que isso acontecesse, ela deveria submeter-se a um complexo processo, no seio de uma construção histórica cujo espírito determinaria seu papel social e seu comportamento diante do mundo. (DEL PRIORE, In: FREITAS, 2007, p. 217).

A partir dessa compreensão, as cangaceiras são retratadas por muitos autores do tema como heroínas. Maria Bonita é mostrada como exemplo de bravura, beleza e honra, de tal modo que nas elaborações da sua imagem por parte dos estudiosos do cangaço, comumente refuta-se qualquer imagem negativa desta pioneira. A mulher que ao deixar o marido, rompeu a tradição e ao entrar no cangaço abriu uma nova via de destino para as mulheres sertanejas.

Enquanto alguns estudiosos do cangaço que analisamos trazem a tona aspectos negativos sobre Maria Bonita, muitos outros saem em sua defesa. Dessa forma, consideramos que ao entrar na história ela tem sua imagem controlada pela ideologia de outros que lhe dão forma seja na historiografia, na memória ou no cordel. Assim as imagens sobre Maria Bonita acabam engendrando uma luta de poder. E, sendo polissêmicas, levam a infinitas possibilidades de leitura e reelaboração. Portanto, esse estudo é mais uma entre as leituras possíveis.

Diante do exposto, consideramos as nossas conclusões inacabadas, pois remetem a outras possibilidades analíticas. Neste sentido, esperamos ter atingido os nossos objetivos de contribuir para aprofundar e instigar o debate acerca do tema enfocado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

_____. “Quem é frouxo não se mete”. **Violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino**. Disponível em: revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/10928/8089 (1999) Acesso em 19/08/2013

ARAÚJO, Antônio Amaury Correia de. **Lampião, As Mulheres e o cangaço**. São Paulo: Traço Editora, 2012.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes**. Tese de doutorado do Programa de Pós- Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, 2007

CASTRO, Almir Gomes de. **Eu, Lampião**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2009.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHORROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade: Uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2002.

CURRAN, Mark. J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Edusp, 2003.

COSTA, Alcino Alves. **Lampião além da versão: Mentiras e mistérios de Angicos**. Cajazeiras: Editora Real, 2011.

DANTAS, Kyldemir e MUNIZ, Caio César. **Cangaço – Episódios e personagens**. Coleção Mossoroense. Edição especial para o acervo virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Fundação Vint-Um Rosado / Banco do Nordeste / Governo Federal, sd. Disponível em <http://www.colecaomossoroense.org.br> Acessado em 15 de junho de 2013.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Editora Contexto, 2007, pp. 217-235.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- DUTRA, Wesley Rodrigues. O cangaceiro Lampião e a sua influência na constituição da identidade do ser nordestino. In: CEBALLOS, Rodrigo et al. Orgs. **Nordeste e nordestinidades** – Histórias, representações e religiosidade. Campina Grande: EDUFPG, 2012, pp. 57-76.
- FACO, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
- FALCI, M. Knox. Mulheres do Sertão Nordestino, In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERNANDES, Leandro Cardoso. Maria Bonita e o Dia Internacional da Mulher. In: **De repente** – Revista de Divulgação da Fundação Nordestina do Cordel – Funcor. Teresina, Ano XVI, Fevereiro de 2010, p, 20 a 22.
- FORTUNATO, Maria Lucinete. Representações do cangaceiro: Invenções, controvérsias e recorrências. In: CEBALLOS, Rodrigo et al. Orgs. **Nordestes e nordestinidades** – Histórias, representações e religiosidades. Campina Grande: EDUFPG, 2012, pp. 21- 37.
- FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A presença feminina no cangaço: Práticas e representações (1930-1940)**. Dissertação apresentada a Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2005.
- GRUSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião: Senhor do Sertão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- LIMA, João de Sousa; MARQUES, Juracy (Orgs.) **Maria Bonita** – diferentes contextos que envolvem a vida da rainha do cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2010.
- LINS, Daniel. **Lampião o homem que amava as mulheres**. São Paulo: Annablume, 1997.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol, violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: Girafa, 2011.
- _____. **Estrelas de Couro: A estética do cangaço**. São Paulo: Escrituras, 2012.
- MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.
- NASCIMENTO, José Anderson. **Cangaceiros, coiteiros e volantes**. São Paulo: Ícone, 1998.
- PRATA, Ranulfo. **Lampião**. Natal: Sebo Vermelho, 2010.

SOUZA, Anildomá Willans. **Lampião o comandante das caatingas**. Serra Talhada: GDM Gráfica, 2001.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evolução na literatura de cordel**. Mossoró: Queima Bucha, 2008.

SOUZA NETO, **José Inácio do Barro e o cangaço**. Cajazeiras: Editora Real, 2011.

SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: SWAIN, Tânia Navarro (Org.) **História no Plural**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

TEVES, Nilda. Imaginário social, identidade e memória. In: FERREIRA, Lúcia M. A. e ORRICO, Evelyn G. D. **Linguagem Identidade e Memória Social**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOLHETOS DE CORDEL

ACOPIARA, Moreira. **Lampião e Padre Cícero num debate inteligente**. São Paulo: Editora Luzeiro, 2004.

CAMPOS FILHO, Vicente de. **A candidatura de Lampião para presidente da República**. João Pessoa: s/e; s/d.

_____. **O amor cangaceiro de Lampião e Maria Bonita**. João Pessoa: s/e; s/d.

DANTAS, Kyldemir. **As mulheres cangaceiras humanizaram o cangaço**. Mossoró: Queima bucha, 2010.

PACHECO, José. **A chegada de Lampião no inferno**. Mossoró: Editora Queima Bucha, 2008.

PERON, José, **O encontro de Lampião, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré no portão do céu**, s/l; s/e; s/d.

SANTOS, Apolônio Alves dos. **Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita**. Campina Grande: s/e; s/d.

SANTOS, Antônio Teodoro dos. **Maria Bonita, a mulher cangaço**. São Paulo: Editora Luzeiro, 1986.